

‘Não se pode lutar no escuro’:
Violência Contra Mulheres e
Meninas Brasileiras em Londres

2018

Cathy McIlwaine
Yara Evans

‘Não se pode lutar no escuro’: Violência Contra Mulheres e Meninas Brasileiras em Londres



Funded by



Supported by
**ARTS COUNCIL
ENGLAND**

Supported by



Índice

- 03 Lista de figuras
- 03 List of tables
- 04 Agradecimentos
- 05 **Capítulo 1:** Introdução
- 12 **Capítulo 2:** Mulheres brasileiras em Londres: um perfil
- 17 **Capítulo 3:** A experiência de VCMM das mulheres brasileiras em Londres
- 28 **Capítulo 4:** Relatos de VCMM entre mulheres brasileiras em Londres
- 34 **Capítulo 5:** O caráter transnacional da VCMM – experiências de violência de mulheres brasileiras em seu país
- 42 **Capítulo 6:** Fatores causais e de risco para VCMM entre mulheres brasileiras em Londres
- 48 **Capítulo 7:** Abordar e prevenir a VCMM entre mulheres brasileiras em Londres
- 52 Recomendações de políticas
- 54 Referências
- 57 Apêndice

Lista de Figuras

- 08 **Figura 1.1** Distribuição dos brasileiros na Inglaterra e no País de Gales (Censo de 2011)
- 09 **Figura 1.2** Distribuição dos brasileiros em Londres (Censo de 2011)
- 11 **Figura 1.3** O espectro transnacional urbano da VCMM
- 14 **Figura 2.1** Mudanças nas condições de imigração entre mulheres brasileiras em Londres
- 14 **Figura 2.2** Classificação dos principais problemas que afetam a comunidade brasileira em Londres (citados por três mulheres com idades entre 32 e 37 anos)
- 18 **Figura 3.1** A experiência de violência de mulheres brasileiras
- 19 **Figura 3.2** Tipos de violência sofridos por mulheres brasileiras em Londres
- 20 **Figura 3.3** Tipos e formas de VCMM identificados em quatro grupos focais
- 21 **Figura 3.4** Autores de violência contra mulheres brasileiras em Londres
- 22 **Figura 3.5** Praticantes de violência contra mulheres brasileiras: espaços públicos e privados
- 29 **Figura 4.1** Motivos para não denunciar um episódio de violência em Londres
- 30 **Figura 4.2** Denúncias de VCMM a pessoas e organizações em Londres
- 31 **Figura 4.3** Mapeamento institucional de fontes de auxílio usadas por mulheres brasileiras em Londres
- 33 **Figura 4.4** Uso por parte de mulheres brasileiras de serviços oferecidos por organizações em Londres
- 35 **Figura 5.1** Formas de violência que as mulheres sofrem no Brasil
- 36 **Figura 5.2** Autores de violência contra a mulher no Brasil
- 36 **Figura 5.3** Autores de VCMM no Brasil: espaços públicos e privados (%)
- 38 **Figura 5.4** Motivos para não denunciar violência no Brasil
- 39 **Figura 5.5** Denúncias de atos graves de violência no Brasil
- 40 **Figura 5.6** VCMM em Londres comparada com VCMM no Brasil
- 44 **Figura 6.1** Causas de VCMM em Londres
- 49 **Figura 7.1** Intervenções necessárias para ajudar mulheres brasileiras a lidar com VCMM em Londres
- 50 **Figura 7.2** Medidas para ajudar mulheres a lidar com a VCMM em Londres

Lista de tabelas

- 47 **Tabela 6.1** Fatores de risco socioeconômicos para a VCMM entre mulheres em Londres e no Brasil

Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro do Conselho de Pesquisa Econômica e Social para este projeto, como parte da chamada para projetos de pesquisa colaborativa entre Reino Unido e Brasil, patrocinada pelo Newton Fund e pelo Urban Transformations programme (número de concessão: ES/N013247/1). Agradecemos a Paul Heritage, Rosie Hunter e Andrew Loveland pelo trabalho em garantir este patrocínio em primeira instância, bem como o apoio contínuo de toda a equipe do People's Palace Projects, incluindo Thiago Jesus, Renata Pepl e Raquel Roldanus-Dias. Reconhecemos também o importante papel de Carolina Gottardo, ex-diretora do Latin American Women's Rights Service (Serviço Latino-americano de Direitos da Mulher – LAWRS) em Londres, e de Eliana Sousa Silva, diretora da Redes da Maré, no Rio de Janeiro, cujo trabalho inspirou a execução deste projeto.

Queremos também agradecer a todas as mulheres que contribuíram para nossa pesquisa, quer tenha sido por meio de entrevistas, respostas ao questionário ou participação ativa nos grupos focais, compartilhando assim suas experiências de violência, no Brasil e em Londres, e suas percepções em relação a causas, efeitos e soluções. Foram contribuições inestimáveis para permitir uma nova compreensão da transnacionalidade da experiência da violência e de como as mulheres brasileiras vivenciam e enfrentam a violência e suas diversas consequências. Este aspecto da pesquisa foi facilitado por nosso parceiro, o Latin American Women's Rights Service (Serviço Latino-americano de Direitos da Mulher – LAWRS)¹. Somos extremamente gratas à organização como um todo, e em especial a Carolina Gottardo, Lucila Granada, Andrea Fonseca, Aline Little-John e Leticia Scorpion.

Esta pesquisa é parte de um projeto maior, com outros parceiros em Londres (CASA Latin American Theatre Festival), e no Rio de Janeiro em parceria com a Redes da Maré, dirigida por Eliana Sousa Silva, com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, dirigida por Miriam Krenzinger, com Rosana Morgado, Joana Garcia, Gisele Martins e Isabela Souza. Somos extremamente gratas por todas as interações de apoio entre fronteiras reais e disciplinares na criação desta pesquisa.

1. O LAWRS (Serviço Latino-americano de Direitos da Mulher, na sigla em inglês) é uma organização gerida por e para mulheres latino-americanas, que há mais de trinta anos oferece uma gama de serviços. Sua principal missão, orientada por um viés feminista, é dirigir-se às necessidades de suas usuárias e ajudá-las a se capacitar e tornar-se cidadãs independentes e cientes de seus direitos, além de trabalhar coletivamente para realizar mudanças sociais. Sua base de clientes é formada por milhares de usuárias, que se beneficiam de uma gama de serviços, incluindo auxílio e aconselhamento de especialistas em violência contra mulheres e meninas, oferecidos na língua materna da usuária e com sensibilidade e respeito a cada cultura (mais informações em <http://www.lawrs.org.uk/>).

CAPÍTULO 1

Introdução

Embora a pesquisa sobre VCMM (Violência Contra Mulheres e Meninas) entre mulheres imigrantes esteja se desenvolvendo lentamente, existe uma tendência a dar maior atenção à violência doméstica, em detrimento dos domínios público-privados (Menjívar e Salcido, 2002; Dominguez e Menjívar, 2014). Há também um crescimento dos trabalhos sobre os fatores de risco que afetam as chances de violência contra mulheres imigrantes, relacionados às condições de imigração, ao idioma, à pobreza e ao acesso à informação, e sobre os índices de denúncia (Erez et al, 2009; Loya, 2014).

No Reino Unido, onde estima-se que uma em cada quatro mulheres (1,2 milhão) sofra violência doméstica ao longo da vida, e onde até duas mulheres são mortas semanalmente por um parceiro ou ex-parceiro, a maior parte das pesquisas com imigrantes tem se concentrado na violência doméstica entre sul-asiáticas (Gill e Rehman, 2004), dispensando menor atenção a outros grupos. Existem ainda menos pesquisas sobre VCMM entre latino-americanas, apesar de essa ser uma das populações que mais crescem em Londres e, mais amplamente, no Reino Unido. Os brasileiros constituem o maior grupo de imigrantes latino-americanos no Reino Unido (Mcllwaine et al, 2011; Mcllwaine e Bunge, 2016; Mcllwaine e Carlisle, 2011). Estima-se que a VCMM no Reino Unido tenha maior prevalência entre negras, minorias étnicas e imigrantes do que entre a população como um todo, e que seja exacerbada pelas consideráveis dificuldades enfrentadas pelas mulheres em encontrar apoio. Um estudo feito com negras e grupos de minorias étnicas revelou que uma mulher vítima de violência doméstica precisa fazer, em média, onze contatos com agências antes de conseguir a ajuda de que necessita; caso ela pertença à comunidade negra ou a um grupo de minoria étnica, esse número aumenta para 17 (citado em Anitha, 2008, p. 197). Mulheres imigrantes tendem a ser especialmente vulneráveis, visto que muitas não dispõem de "Acesso aos Recursos dos Fundos Públicos" (são incapazes de acessar qualquer apoio do estado) por conta de sua situação de imigração. De fato, o LAWRS estima que mulheres latino-americanas sem documentação legal sofram 60 episódios de agressão antes do primeiro contato com a polícia, em comparação aos 35 episódios sofridos por mulheres em geral. Sendo assim, existe um escopo considerável para a documentação das experiências de violência vividas por mulheres imigrantes e, neste caso, por brasileiras, bem como os desdobramentos e as diferenças que emergem, em termos transnacionais, na forma de lidar com a violência e resistir a ela, junto à análise da relação causal entre as duas e do nível de melhora ou aumento da VCMM em cada espaço.

Este projeto, portanto, foi motivado pelas limitadas evidências empíricas relacionadas às experiências de violência vivenciadas por mulheres imigrantes, sobretudo por mulheres latino-americanas e brasileiras, as quais compõem uma grande porcentagem da população latino-americana em Londres e, mais amplamente, no Reino Unido. Da mesma forma, a falta de informação em relação à violência de gênero (VG) que paira sobre mulheres oriundas de comunidades marginalizadas no Brasil forneceu maiores justificativas para este projeto de pesquisa transnacional. Em verdade, os achados descritos aqui são resultado da faceta relativa a Londres da pesquisa conduzida como parte de um projeto mais amplo denominado "*Cidades Saudáveis, Seguras e com Igualdade de Gênero: Perspectivas Transnacionais Sobre a Violência Urbana Contra Mulheres e Meninas (VCMM) no Rio de Janeiro e em Londres*", patrocinado pelo Conselho de Pesquisa Econômica e Social e

pelo Newton Fund e implementado por uma equipe de pesquisa a princípio na Escola de Geografia da Universidade Queen Mary de Londres, depois no Departamento de Geografia da King's College, em parceria com a Escola de Inglês e Teatro da Queen Mary e diversas outras organizações do Reino Unido (Latin American Women's Rights Services, CASA Latin American Theatre Festival, People's Palace Project) e do Brasil (Redes da Maré, Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Os principais objetivos do projeto foram desenvolver a compreensão empírica e teórica acerca da VCMM por meio da recalibragem e dos estudos transnacionais entre o Reino Unido e o Brasil. Mais especificamente, o projeto tem por objetivo explorar a natureza transnacional da VCMM em termos de incidência, autores, fatores causais e de risco e consequências. Além disso, o projeto se propõe a explorar as denúncias de VCMM e a prestação de serviços, e em última instância, com base na pesquisa, a aprimorar esses serviços e desenvolver ferramentas políticas eficazes. Em termos metodológicos, no contexto londrino, a pesquisa se utiliza de encontros recentes com imigrantes brasileiras em Londres, envolvendo um questionário quantitativo com 175 mulheres, 25 entrevistas em profundidade e seis grupos focais, bem como um mapeamento dos serviços de organizações provedoras de apoio a mulheres vítimas de violência, com base em entrevistas realizadas com representantes de 12 dessas organizações (ver Evans e McIlwaine, 2017, no último capítulo; ver também o Apêndice).

A COMUNIDADE BRASILEIRA EM LONDRES

A imigração brasileira ao Reino Unido cresceu consideravelmente desde o fim dos anos 1990. Ainda que alguns brasileiros tenham imigrado na década de 1970, esse fluxo aumentou depois do ano 2000, com a propagação de políticas macroeconômicas neoliberais na América Latina entre 1980 e 1990, que levou à ampliação das desigualdades e estimulou o movimento migratório. Embora até muito recentemente o Brasil estivesse vivenciando um grande incremento na economia, os efeitos de tais crescimento não foram propagados de maneira igualitária, trazendo poucas mudanças à vida das classes média e baixa. Como resultado, os brasileiros, sobretudo do sudeste do país, continuam a ser atraídos por oportunidades econômicas e educacionais em Londres, apesar do declínio na economia global (Evans et al, 2011).

Tal crescimento é evidenciado por dados do Censo Britânico. Em 2001, foram registrados cerca de oito mil brasileiros vivendo no Reino Unido, e em 2011 (data do último Censo) esse número aumentou para cerca de 52 mil (Evans et al, 2015). Além disso, a análise do Censo de 2011 revelou também que, na Inglaterra e no País de Gales, 81% dos brasileiros (dentro os quais 84% residem em Londres) imigraram entre 2000 e 2011.

Estima-se, contudo, que esses números oficiais não representem a totalidade da população brasileira residente no Reino Unido. As estimativas acerca da população total, que objetivam incluir a população sem documentos, têm sido bastante variáveis, indo de dezenas de milhares (McIlwaine, Cock e Linneker, 2011) a mais de cem mil (Evans et al 2015; MRE, 2015). Nos anos recentes, constantes mudanças na legislação com o intuito de aumentar o controle de imigrantes vindos de países não europeus têm levado cada vez mais brasileiros a regularizar a documentação para permanecer no Reino Unido, sobretudo requerendo cidadania europeia, seja por ascendência ou por meio de casamento (Evans et al 2011, 2015; Evans, Tonhati e Souza, 2013).

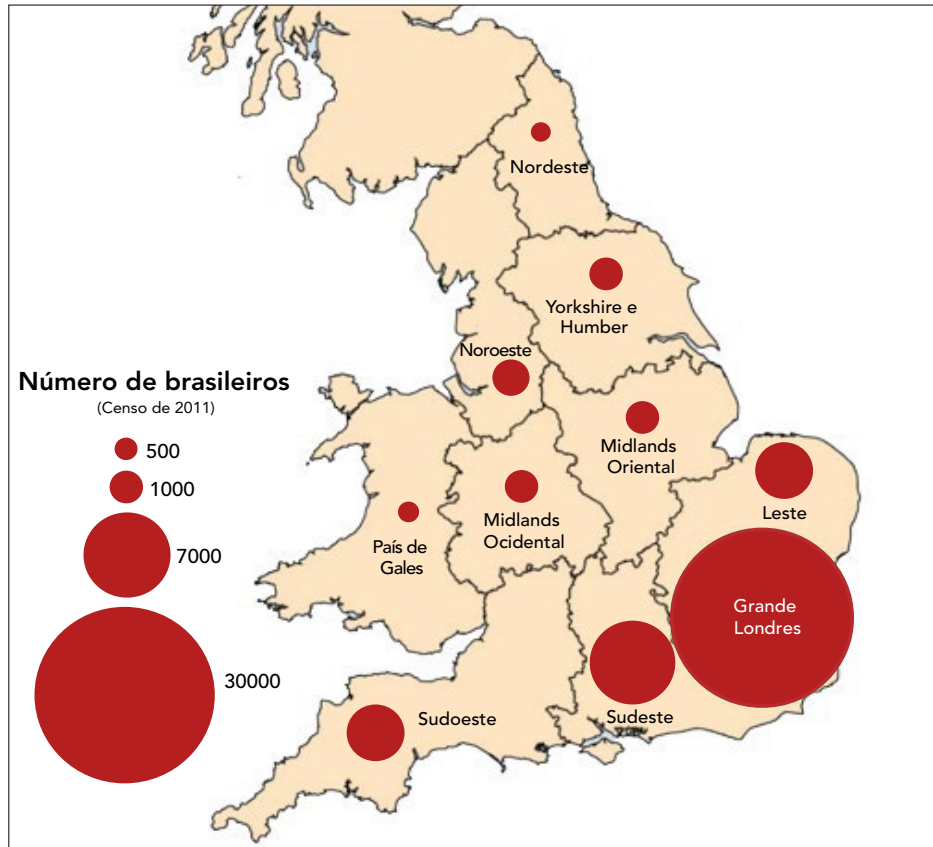
É consenso entre autoridades e organizações brasileiras baseadas no Reino Unido que a maioria dos brasileiros tende a se estabelecer em Londres, afirmação oriunda dos dados do último Censo, em 2011, que revelou que 60% (31.357) dos brasileiros no Reino Unido moravam em Londres (Evans et al, 2015) (ver Figura 2). Dentro da cidade de Londres há concentrações em Brent, Lambeth, Southwark e Haringey (ver Figura 3).

Em termos do perfil dos brasileiros segundo o Censo de 2011, há mais mulheres do que homens em Londres (53%), bem como na Inglaterra e no País de Gales como um todo (56%). Além disso, trata-se de uma população jovem: 83% da população de Londres e 71% da população da Inglaterra e do País de Gales têm menos de 40 anos. Quase metade dos brasileiros em Londres (46%) e na Inglaterra e no País de Gales (49%) são casados; mais de um terço é solteiro (37% na Inglaterra e no País de Gales, 39% em Londres) (ver também Mcllwaine e Bunge, 2016).

Pesquisas têm revelado que os brasileiros que imigram para o Reino Unido costumam ter boa escolaridade e pertencer às classes média e média-baixa; embora a maioria tenha partido em busca de melhores oportunidades financeiras, muitos também vieram para estudar (Evans et al 2011, 2015; Mcllwaine, Cock e Linneker, 2011). De fato, o Censo mostrou que 42% dos brasileiros habitantes de Londres possuem terceiro grau completo. No entanto, embora as taxas de emprego sejam muito altas (70% em Londres e 71% na Inglaterra e no País de Gales), um quarto dos trabalhadores ocupa os setores básicos da economia. Isso reflete um mercado rebaixamento em termos de mobilidade no mercado de trabalho, no qual as únicas opções disponíveis são as de baixa exigência de habilidades e baixa remuneração, em grande parte como resultado de restrições de visto e conhecimento limitado da língua inglesa (Evans et al 2011, 2015; Mcllwaine, Cock e Linneker, 2011; Mcllwaine e Bunge, 2016). Com efeito, o censo revelou que um em cada cinco habitantes brasileiros enfrenta problemas com o inglês: na Inglaterra e no País de Gales, 18% não falam a língua ou falam pouco.

Em termos de condições de imigração, o Censo mostrou que quase um terço dos brasileiros possuem passaporte da União Europeia (32% em Londres, 29% na Inglaterra e no País de Gales), e que 14% e 18%, respectivamente, são portadores de passaporte britânico. Esses números, porém, desconsideram a população em situação irregular e sem documentação, que Evans et al (2011) descobriram somar cerca de um terço da amostra (29%). A pesquisa *No Longer Invisible (Não Mais Invisível)*, em tradução livre – Mcllwaine, Cock e Linneker, 2011) revelou que os homens brasileiros tendem a se encontrar mais em situação irregular (42%) do que as mulheres (34%), e que as mulheres têm maior probabilidade de se tornar cidadãs britânicas (11%) do que os homens (2%).

FIGURA 1.1 DISTRIBUIÇÃO DOS BRASILEIROS NA INGLATERRA E NO PAÍS DE GALES (CENSO DE 2011)

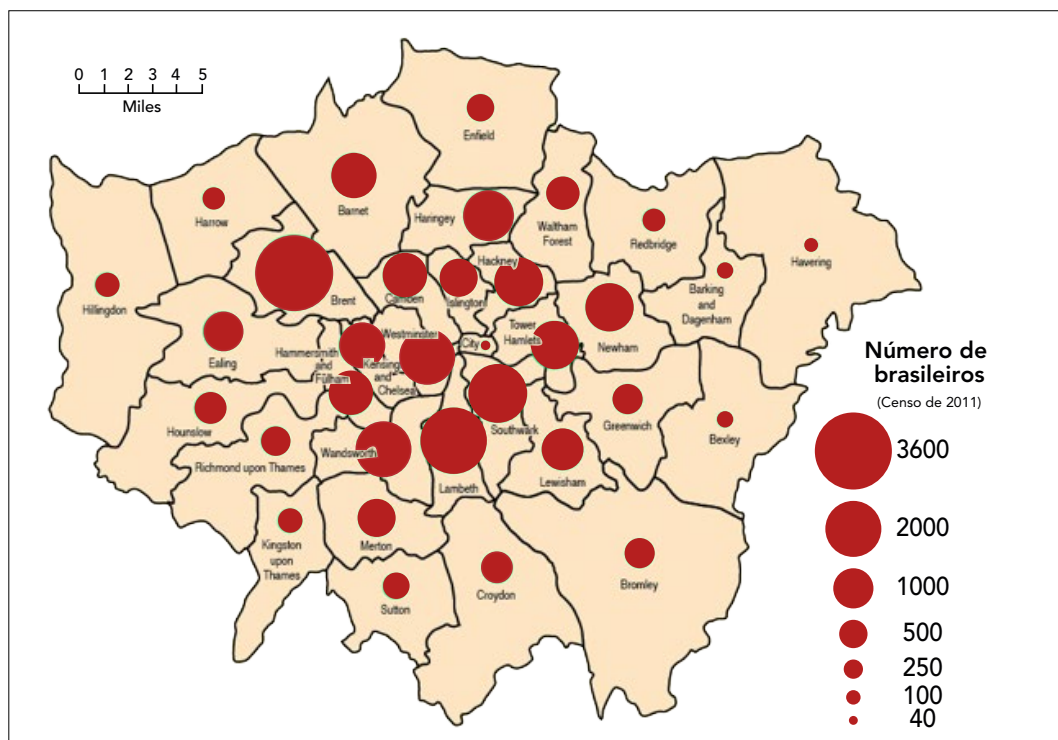


Fonte: Censo de 2011 do ONS (Office for National Statistics) © Crown Copyright 2013

No tocante à natureza das identidades de gênero entre os brasileiros em Londres, estas refletem padrões mais amplos encontrados entre os latino-americanos e enraizados em desigualdades profundamente estabelecidas e relacionadas ao machismo (ver McIlwaine, 2010). Ainda assim, existem também certas diferenças ligadas à noção de 'brasilidade', tal e qual o que Beserra (2005) chama de '*latinidad*' (em referência ao caráter e à condição do povo latino). Isso corresponde a uma complexa racialização e sexualização de identidades que são fluidas e situacionais, ainda que sejam, em última instância, essencialistas (Margolis, 2013). No contexto da migração, tais identidades brasileiras também são interseccionais e dependem, entre outros fatores, do contexto dos imigrantes, da cor de sua pele e das condições de trabalho e imigração (Piscitelli, 2008). Enquanto a feminilidade das brasileiras tende a orbitar em redor de uma submissão retratada como exótica, da domesticidade, da predileção por atividades sexuais e da sensualidade, a ideia hegemônica de masculinidade é, da mesma forma, sexualizada e hipererotizada, também concentrada na agressão, na ideia de posse e em outras características associadas ao machismo (ibid.). Isso é reforçado, para homens e mulheres, pelas associações com diversos símbolos tais como o carnaval, o futebol, o café e a dança (McDonnell e de Lourenço, 2009). Pesquisas prévias realizadas em Londres revelaram que esses estereótipos tendem a prevalecer, com a afirmação das

subjetividades brasileira e latino-americana expressa de formas diferentes entre homens e mulheres. Ainda que as mulheres relatassem ter se deparado com tais estereótipos no contexto britânico, sentiam-se ávidas por enfrentá-los e distanciar-se deles, enquanto os homens demonstravam satisfação ao enfatizar sua 'brasilidade', possivelmente por considerarem tais representações mais positivas que as das mulheres (Datta e McIlwaine, 2014).

FIGURA 1.2 DISTRIBUIÇÃO DOS BRASILEIROS EM LONDRES (CENSO DE 2011)



Fonte: Censo de 2011 do ONS (Office for National Statistics) © Crown Copyright 2013

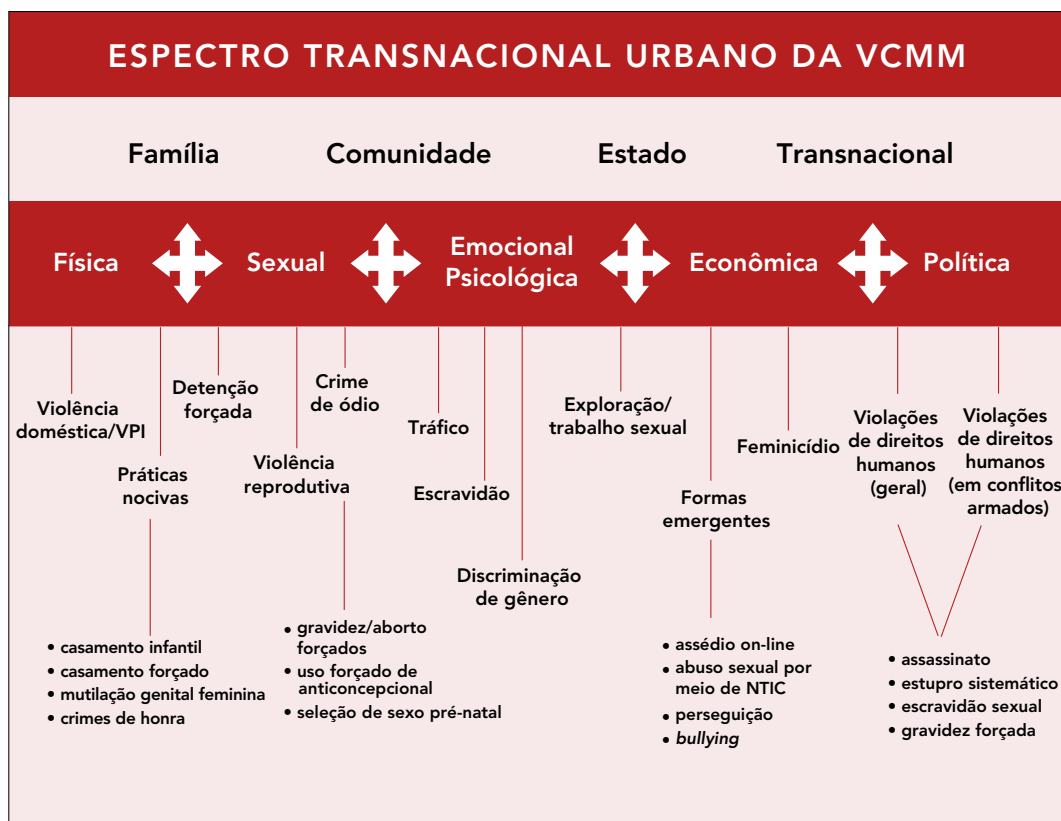
O ESPECTRO TRANSNACIONAL URBANO DA VCMM

A violência contra a mulher é definida pela Organização das Nações Unidas, no Artigo 1º da Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, de 1993, como “qualquer ato de violência baseado no gênero do qual resulte, ou possa resultar, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres, incluindo as ameaças de tais atos, a coerção ou a privação arbitrária de liberdade, que ocorra quer na vida pública, quer na vida privada” (ONU 1993). O artigo 2º, por sua vez, observa que tal violência pode acontecer “na família, na comunidade, perpetrada ou tolerada pelo Estado, onde quer que ocorra”, e pode envolver agressão, abuso sexual, estupro, mutilação genital feminina e outras práticas “tradicionais”, bem como assédio sexual, tráfico de mulheres e prostituição forçada.

A violência, no entanto, pode se manifestar através de uma ampla variedade de formas (ver McIlwaine 2013, 2014, 2016). Tais formas podem ser visualizadas como distribuídas por um espectro urbano transnacional de VCMM (Figura 1.3), que captura as manifestações mais evidentes, bem como as mais sutis, de violência sofrida por mulheres e meninas em diferentes contextos e ambientes. As bases para uma perspectiva holística e escalar da compreensão da VCMM residem no trabalho pioneiro de Liz Kelly (1988) sobre o continuum da violência sexual praticada contra mulheres. Através da análise dos tipos de violência sexual enfrentados pelas mulheres e alicerçados sobre ameaças, intrusões, intimidação, abuso e coerção, Kelly sugere que é importante categorizar os diferentes tipos de violência sexual como interconectados, sobretudo para mostrar como a violência identificada como ato criminoso, tal como o estupro, é reforçada por outros comportamentos, como o assédio (Kelly, 2013). Esse continuum destaca também a invisibilidade e o naturalização da VG extrema e cotidiana contra mulheres (Boesten, 2017), e tem sido especialmente útil na investigação da VG durante conflitos armados (ibid; Moser, 2001) e das conexões entre a violência 'íntima' e outras formas de violência urbana (Hume, 2009; Wilding, 2010). Embora Kelly (1988) tenha tido o cuidado de não hierarquizar os tipos de violência sexual e relacionada ao sexo, outros usaram a noção de continuum para localizar formas mais extremas em uma das pontas e formas menos extremas na outra, além de sugerir uma conexão entre a violência doméstica, a estrutural, a ecológica e a violência de guerra.

Contudo, embora endossemos a utilidade da abordagem de continuum, como aquelas mencionadas acima, argumentamos que há um foco excessivo na violência sexual, além de muita ênfase em atar as pontas desse continuum. Em verdade, os tipos de VCMM não são contínuos ou sequenciais, e por isso é importante contestar qualquer dicotomia entre severidade e leniência, concebendo a VCMM como especialmente extensa e transnacional. Propomos que a taxonomia de um espectro seja mais capaz de capturar essas descontinuidades e espacialidades. Sendo assim, a abordagem de espectro abrange não somente a diversidade da VCMM em um país específico, como as conexões transnacionais existentes, em particular aquelas associadas à imigração internacional entre cidades dos hemisférios sul e norte do globo.

FIGURA 1.3 O ESPECTRO TRANSNACIONAL URBANO DA VCMM



Fonte: Atualizado de Evans e McIlwaine (2016), adaptado de Kelly (1988)

Nota: Todos os tipos específicos de VCMM identificados na metade inferior podem ser formas de violência física, sexual, emocional ou psicológica, econômica e política.

CAPÍTULO 2

Mulheres brasileiras em Londres: um perfil

PONTOS-CHAVE

- A maioria das mulheres brasileiras tinham mais de 30 anos, eram brancas e tinham nível superior
- A maioria estava em relacionamentos estáveis e muitas dividiam o lar com seus companheiros
- Uma em cada duas mulheres tinham filhos e uma em cada três morava com os filhos
- A maioria tinha trabalho remunerado e muitas tinham empregos que exigem nível superior
- A maioria havia imigrado diretamente para Londres, predominantemente de São Paulo
- A maioria estava bem estabelecida em Londres, morando na cidade havia pelo menos cinco anos
- A maioria havia entrado no Reino Unido com vistos temporários, mas se tornou residente permanente ao obter passaporte europeu

Este capítulo delinea as principais características das participantes da pesquisa, com especial foco no questionário. Embora não se trate de uma representação estrita das brasileiras residentes em Londres, dados o tamanho e a natureza da amostra (ver apêndice 1), é amplamente indicativo das experiências de muitas dessas mulheres, além de fornecer o contexto para a compreensão de suas vivências de VG.

AS PARTICIPANTES DA PESQUISA SÃO JOVENS, ESCOLARIZADAS E DE ETNIA BRANCA

As mulheres brasileiras que responderam ao questionário on-line eram relativamente jovens: mais da metade (53%) possuía entre 31 e 40 anos. O segundo maior grupo concentrava-se na faixa entre 41 e 50 anos (21%), e o restante era ainda mais jovem (21 a 30, 15%) ou mais velha (51 e acima, 11%). Quase três quartos (72%) possuíam diploma universitário. Desse grupo, dois quintos (43%) possuíam diploma de pós-graduação. O restante havia completado o nível médio. Quase três quartos (73%) se consideravam brancas, enquanto apenas pouco mais de dois quintos (21%) afirmavam ser pardas. O restante era composto por asiáticas (4%), negras (2%) ou indígenas (1%). A maioria das mulheres não seguia qualquer religião (33%), mas havia um bom número de católicas (29%), seguidas de espíritas (16%) e evangélicas (11%). O restante era composto por protestantes (2%), judias (2%), seguidoras de religiões afro-brasileiras (2%) e muçulmanas (1%).

A MAIORIA DAS BRASILEIRAS EMIGROU A PARTIR DO ESTADO DE SÃO PAULO PARA ESTUDAR OU VIVENCIAR OUTRA CULTURA; MUITAS SE ESTABELECEM EM LONDRES, ONDE VIVIAM HÁ MUITOS ANOS

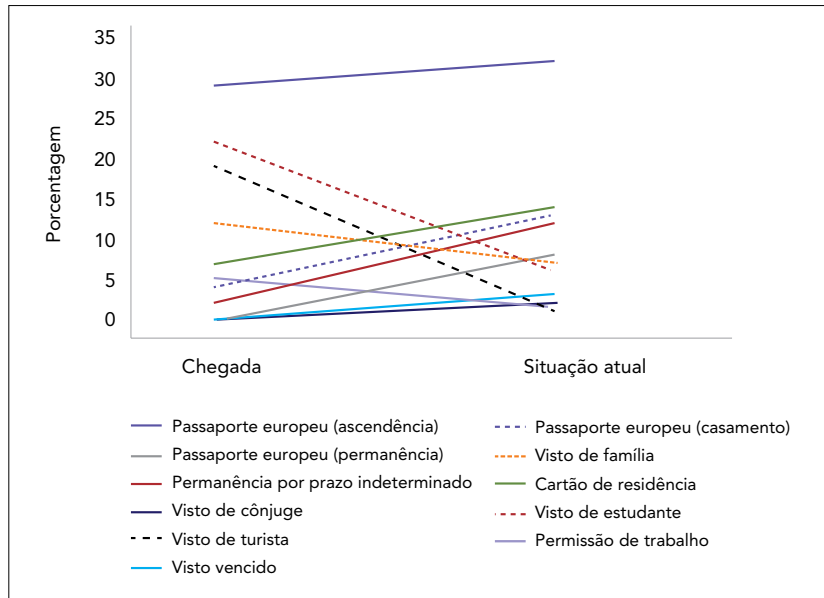
A maioria das mulheres que participaram da pesquisa imigrou para o Reino Unido para estudar (29%), e quase um quarto (23%) migrou em busca de aventuras ou novas experiências culturais. Algumas também haviam partido em busca de trabalho (18%) ou para acompanhar o parceiro (11%). No tocante às origens brasileiras, mais de dois quintos (42%) saíram do estado de São Paulo, contra apenas 10% do Rio de Janeiro, 9% de Minas Gerais e 9% do Paraná.

As participantes da pesquisa estavam bem estabelecidas em Londres, e mais de um terço (35%) residia na cidade havia entre 10 e 20 anos. Embora mais de um terço (35%) morasse em Londres havia menos de cinco anos, 65% moravam na cidade havia cinco anos ou mais. Dois terços (66%) haviam migrado diretamente do Brasil para o Reino Unido, e um terço havia residido no exterior antes de migrar para Londres (sobretudo na Itália, nos Estados Unidos e em Portugal).

DOIS TERÇOS DAS BRASILEIRAS ENTRARAM NO REINO UNIDO COM VISTO TEMPORÁRIO, MAS QUASE 80% OBTIVERAM RESIDÊNCIA PERMANENTE (SOBRETUDO ATRAVÉS DE PASSAPORTE EUROPEU)

Como reflexo da diversidade das formas de ingresso no Reino Unido, as brasileiras relataram ter adentrado o país em uma variedade de situações. O maior grupo havia imigrado portando passaporte da União Europeia, conquistado por ancestralidade (29%), e o restante havia entrado no país com visto de estudante (22%), visto de turista (19%) ou visto familiar (12%). Portanto, a maioria das mulheres imigrou com visto temporário (65%), e o restante se utilizou do passaporte europeu, que permite residência permanente. As mudanças nas condições de imigração desde a entrada no país mostram que tem havido uma redução no número de portadoras de vistos temporários (turista, estudante, residente, familiar) e um aumento no número de residentes permanentes (ver figura 2.1). Isso pode refletir uma estratégia de regularização de documentos, em um contexto de endurecimento nas leis de imigração para conter a permanência além do permitido, e posto que a falta de segurança nas condições de imigração é um importante fator de desestímulo à busca de ajuda frente a episódios de violência (ver abaixo; também Evans e McIlwaine, 2017). Em verdade, dentre as mulheres que declararam estar sem documentos, apenas uma entre duas denunciou sua experiência de violência em Londres.

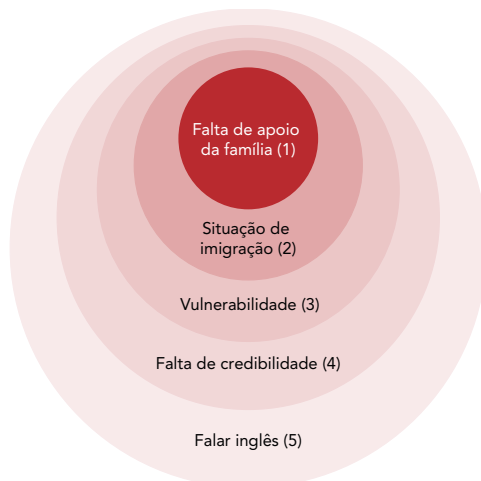
FIGURA 2.1 MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE IMIGRAÇÃO ENTRE MULHERES BRASILEIRAS EM LONDRES



Fonte: Pesquisa da autora (N=175)

É muito provável, contudo, que a diminuta proporção de mulheres em situação irregular (3%) represente uma subestimação dos padrões mais abrangentes entre a comunidade brasileira. Com efeito, isso surgiu como uma importante questão na pesquisa qualitativa; por exemplo, em um dos grupos focais, formado de três mulheres com idades entre 32 e 37 anos e oriundas do Rio de Janeiro ou de São Paulo, a situação de imigração foi considerado o segundo maior problema enfrentado por brasileiros em Londres (Figura 2.2).

FIGURA 2.2 CLASSIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS QUE AFETAM A COMUNIDADE BRASILEIRA EM LONDRES (CITADOS POR TRÊS MULHERES COM IDADES ENTRE 32 E 37 ANOS)



Fonte: Grupo focal (2017)

A MAIORIA DAS BRASILEIRAS SE ENCONTRAVA EM RELAÇÕES ESTÁVEIS, E MAIS DA METADE POSSUÍA FILHOS E RESIDIA PRINCIPALMENTE EM IMÓVEIS DO SETOR PRIVADO

A maioria das participantes (69%) se encontrava em uma relação estável ou de longo prazo, sendo o restante composto por mulheres separadas ou divorciadas (15%), solteiras (13%) e viúvas (3%). Mais da metade tinha filhos (55%), dentre as quais a metade (48%) tinha um filho, 40% tinham dois filhos e apenas 12% tinham três ou mais filhos. Muitas mulheres residiam com o companheiro (45%), e quase um terço (31%) morava com os filhos. Uma pequena minoria residia sozinha (5%) ou dividia a casa com amigos e conhecidos (7%) ou familiares (4%). No tocante às habitações, a grande maioria (74%) residia em um imóvel alugado, sobretudo pelo setor privado (58%), ou dividia uma acomodação alugada pelo setor privado (11%). O restante vivia em habitações sociais alugadas pelas autoridades locais. Apenas uma em cada cinco (21%) mulheres era proprietária de um imóvel.

A MAIORIA DAS BRASILEIRAS EXERCIA UM TRABALHO REMUNERADO, E MAIS DA METADE TRABALHAVA EM OCUPAÇÕES QUE EXIGEM NÍVEL SUPERIOR, TAIS COMO GERENTES OU DIRETORAS

Mais de dois terços (68%) possuíam empregos remunerados. A maioria (48%) tinha emprego formal; apenas 15% eram autônomas, e 5% trabalhavam informalmente. Uma em cada dez era estudante (11%) ou dona de casa (11%), e apenas uma minoria estava desempregadas (7%). Enquanto a maioria (45%) estava empregada em cargos de nível superior (29%) ou técnico (16%), 8% trabalhavam como gerentes ou diretoras. Apenas 14% exerciam ocupações elementares, tais como faxina, e 17% trabalhavam no setor de saúde e cuidados². Embora um quarto das mulheres estivesse no emprego atual havia entre 10 e 20 anos, quase 60% exerciam sua ocupação atual havia menos de cinco anos, e um quinto estava empregada havia menos de um ano. Cerca de três quintos (63%) trabalhavam em tempo integral (mais de 35 horas por semana), e o restante trabalhava menos (15 a 35 horas por semana).

AS BRASILEIRAS RECEBIAM SALÁRIO MÉDIO ANUAL MENOR QUE O DAS BRITÂNICAS, E AS PRÓPRIAS MULHERES COMPUNHAM A PRINCIPAL FONTE DE RENDA DA CASA

Embora uma grande proporção das mulheres que participaram da pesquisada trabalhasse em ocupações com exigência de nível superior e afins, os salários médio e mediano eram mais baixos que os praticados no Reino Unido de modo geral. O salário anual médio somava apenas £23.105, com mediana de £20.200³. De modo geral, a maioria das participantes (70%) recebia salários entre £10.000 e £30.000. A principal fonte de renda da casa provinha das próprias mulheres (39%), seguida pela renda obtida apenas pelos parceiros (29%) e a renda obtida em conjunto com um parceiro (23%). Uma pequena minoria não tinha renda (2%), e um pequeno grupo dependia de outras fontes de renda (7%).

-
2. Essas conclusões condizem com outras pesquisas recentes (Evans et al, 2015) que revelam ascensão em termos de mobilidade ocupacional pelas mulheres brasileiras no Reino Unido, ao contrário da experiência mais comum de rebaixamento na mobilidade enfrentada pelos imigrantes e relacionada ao domínio da língua inglesa, às limitações na empregabilidade impostas por restrições de visto e à falta de reconhecimento de qualificações educacionais estrangeiras pelas instituições britânicas (Wills et al 2010), sobretudo entre latino-americanos (McIlwaine e Bunge, 2016).
 3. A renda mediana anual de empregados em tempo integral no Reino Unido até abril de 2016 foi de £28.200, segundo a ASHE – Annual Survey of Hours and Earnings (Pesquisa Anual de Horas e Salários); dados disponíveis em <https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/peopleinwork/earningsandworkinghours/bulletins/annualsurveyofhoursandearnings/2016provisionalresults>.

Da pesquisa qualitativa, surgiu um perfil bastante similar de mulheres brasileiras. A média de idade das entrevistadas era de 41 anos, enquanto as participantes dos grupos focais tinham em média 42 anos. A maioria havia emigrado do sudeste do Brasil (sobretudo de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais). Revelou-se, contudo, uma pequena diferença em relação ao tempo de residência em Londres: mais da metade das entrevistadas (52%) residiam em Londres havia entre 10 e 20 anos, enquanto as participantes dos grupos focais, em sua maioria, residiam em Londres havia menos de cinco anos. Em termos da situação de imigração, 19 das 25 entrevistadas eram detentoras de passaporte europeu; nos grupos focais, cinco eram cidadãs europeias, três possuíam visto de cônjuge, três se encontravam em situação irregular, e o restante portava outros tipos de visto (como o de turista). Em termos de identidade racial, social e ocupacional, houve maior discrepância entre as participantes da pesquisa qualitativa do que a conclusão obtida a partir dos questionários. Havia, por exemplo, mais mulheres de origem afro-brasileira, bem como as que desempenhavam ocupações de baixa remuneração, como faxina.

CAPÍTULO 3

A experiência de VCMM das mulheres brasileiras em Londres

PONTOS-CHAVE

INCIDÊNCIA E NATUREZA DA VCMM

- A maioria das mulheres brasileiras sofreu algum tipo de VG ao longo da vida (82%)
- Duas em cada cinco mulheres sofreram violência tanto no Brasil quanto no Reino Unido; um terço a vivenciou apenas no Brasil, e uma pequena minoria, apenas no Reino Unido
- Quase a metade de todas as mulheres (48%) sofreu alguma forma de VG no Reino Unido
- O tipo mais comum violência sofrida (48%) foi a emocional ou psicológica, seguida pela violência física (38%) e sexual (14%)
- O contato físico indesejado foi a forma específica de violência mais comum (sofrida por 42%), seguida pela agressão física (36%) e pela humilhação ou discriminação (33%)
- As mulheres vivenciaram diversas formas de violência no conjunto e ao longo da vida; uma mulher de 40 anos havia sofrido 22 formas diferentes de VG no curso da vida

AGRESSORES E LOCAIS DE PRÁTICA DE VCMM

- Dois terços da VCMM foram cometidos por homens conhecidos das mulheres; quase um quarto era um parceiro íntimo (PI), enquanto empregadores e colegas de trabalho somavam mais de um quarto
- A maioria da VCMM em Londres e no Reino Unido como um todo foi cometida na esfera pública (78%), sobretudo no local de trabalho

DIVERSIDADE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (VD)

- A VD era frequente, variada e provavelmente cometida por um PI, sobretudo a violência sexual
- A VD era, com frequência, extremamente severa; fosse física ou de ordem sexual, deixou ferimentos, incluindo ossos quebrados, ataques com instrumentos como facas, além de estupro; na esfera emocional, envolvia controle coercivo de longo prazo, repetidos insultos, ataques à autoestima e manipulação financeira

A VCMM É INTERSECCIONAL E AFETADA ESPECIALMENTE PELA SITUAÇÃO DE IMIGRAÇÃO

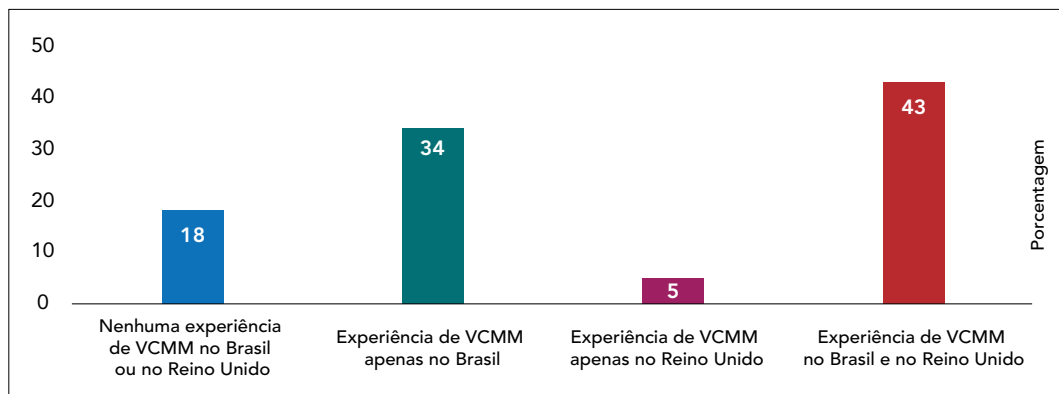
- A VCMM é interseccional; mulheres não brancas tinham maior probabilidade de sofrer violência (64%) do que mulheres brancas (44%)
- Diferentes situações de imigração podem elevar o risco de VCMM; mulheres sujeitas a controle de imigração tornam-se mais vulneráveis
- Mulheres imigrantes são mais vulneráveis ao tráfico e ao trabalho forçado

Este capítulo examina a incidência e a natureza da VG vivenciada pelas brasileiras em Londres, com base no questionário, nas entrevistas e nos grupos focais. Como delineado no capítulo 1, a VCMM encerra uma ampla gama de diferentes tipos de violência, física ou não, cruzando um espectro de variadas formas e avançando por fronteiras transnacionais. As mulheres brasileiras, contudo, enfrentam diversas formas de VG não somente como grupo, mas com frequência também vivenciam, de forma individual, múltiplas formas de violência ao longo da vida.

QUATRO ENTRE CINCO MULHERES BRASILEIRAS JÁ SOFRERAM ALGUMA FORMA DE VG

A grande maioria das mulheres (82%) já vivenciou alguma forma de violência ao longo da vida. Enquanto 43% sofreram violência tanto no Brasil quanto no Reino Unido, 34% a vivenciaram apenas no Brasil, e 5%, somente no Reino Unido. Apenas 18% jamais sofreram qualquer forma de violência (Figura 3.1). Nota-se, além disso, que 52% das mulheres que sofreram VG no Brasil seguiram sofrendo violência no Reino Unido, o que indica o alto grau de continuidade através das fronteiras. Por outro lado, 48% das mulheres sofreram VG em Londres⁴.

FIGURA 3.1 A EXPERIÊNCIA DE VIOLÊNCIA DE MULHERES BRASILEIRAS



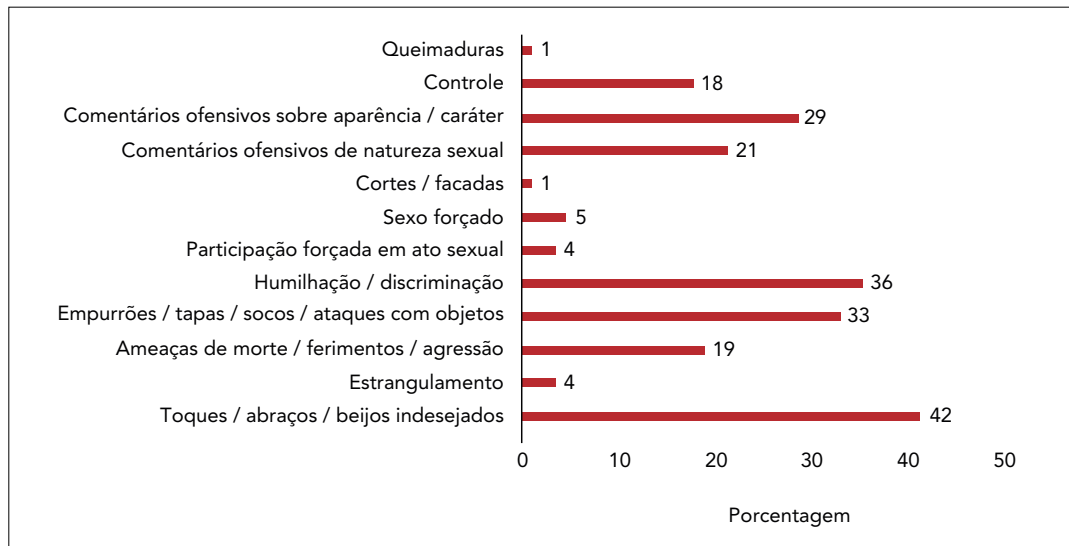
Fonte: Pesquisa da autora (N=175)

A VCMM SE APRESENTA DE VARIADAS FORMAS, COM MAIOR OCORRÊNCIA DE VIOLÊNCIA EMOCIONAL OU PSICOLÓGICA; O CONTATO FÍSICO INDESEJADO É O TIPO ESPECÍFICO MAIS COMUM

As brasileiras vivenciaram diversas formas de violência, de ordem física, emocional ou psicológica, sexual e econômica, em graus variados e combinações manifestadas por uma variedade de tipos, com frequência interligados e ocorridos tanto no ambiente doméstico quanto em espaços públicos (Figura 3.2). A violência emocional foi o tipo mais relatado (48%), seguida de perto pela violência física (38%), sendo que 14% sofreram violência sexual (14%). Em termos de formas específicas, as mais relatadas foram toques, abraços ou beijos indesejados (42%), seguidas por humilhação ou discriminação (36%) e empurrões, tapas, chutes, socos e agressões com objetos (33%) (Figura 3.2).

4. É importante considerar o contexto global de incidência de VG contra uma em cada três mulheres ao longo da vida (ONU Mulheres, 2013).

FIGURA 3.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDOS POR MULHERES BRASILEIRAS EM LONDRES



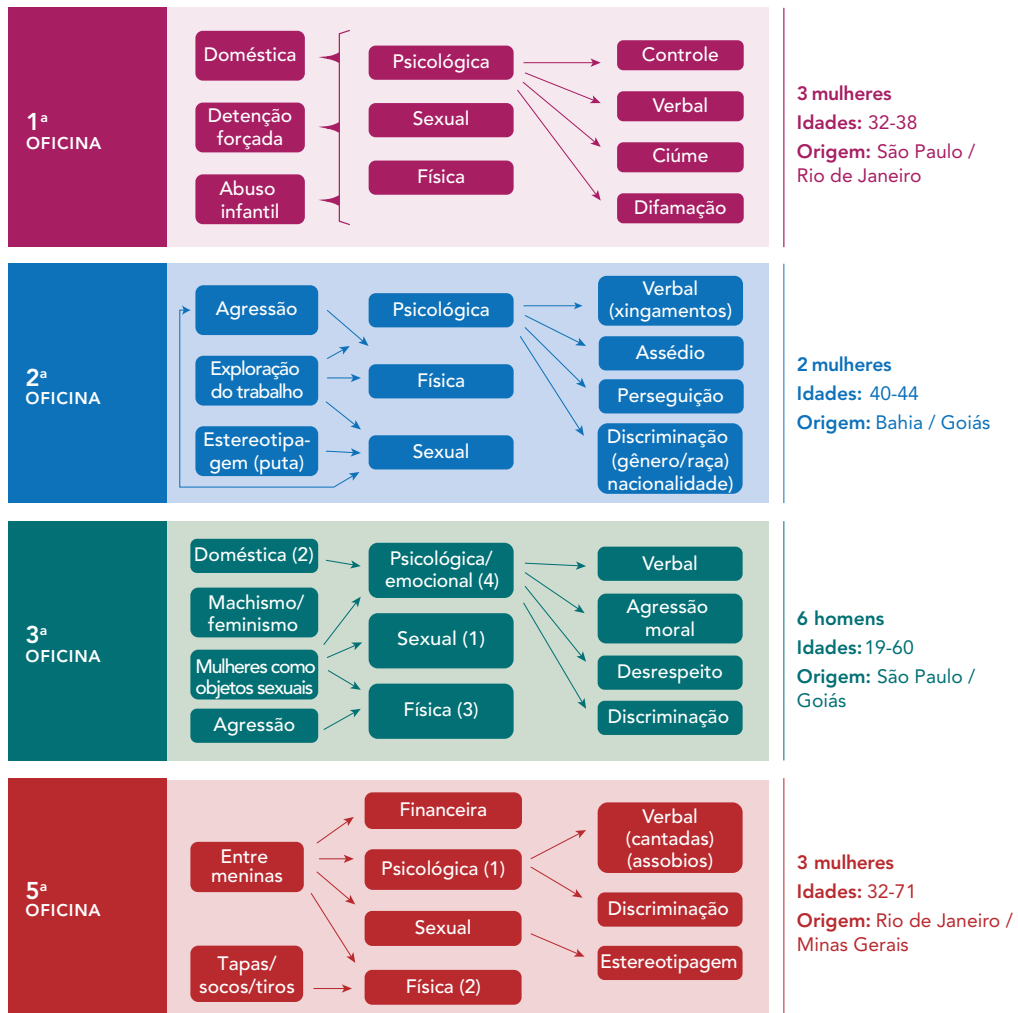
Fonte: Pesquisa da autora (N=84)

Observação: Algumas participantes vivenciaram mais de uma forma de violência

Quando as formas de VG sofridas pelas mulheres foram investigadas em maior profundidade, outras diferenças vieram à tona. Nos cinco grupos focais, por exemplo, foram identificados 18 tipos diferentes de VCMM. Além das principais formas de violência emocional ou psicológica, sexual e física, as participantes incluíram, com suas próprias palavras, outras formas específicas, tais como cárcere privado, ciúme (incluindo comportamento possessivo), difamação, perseguição, agressão moral, feminicídio, abuso financeiro e estereotipagem (que pode denotar discriminação de gênero) (figura 3.3).

Também de extrema significância é o fato de que as mulheres vivenciaram, individualmente, múltiplas e diversas formas de violência durante o curso da vida. Sofia, por exemplo, de 40 anos, sofreu ao longo de sua vida 22 tipos diferentes de VG, incluindo socos, chutes, estrangulamento, imobilização forçada, controle, manipulação financeira e assédio sexual, dentro de sua igreja, por um integrante da congregação. Da mesma forma, Cristina, de 37 anos, sofreu 21 tipos diferentes de violência, incluindo chutes, tapas, estrangulamento, controle, difamação, perseguição e ameaça com faca e tesoura, todas cometidas por um parceiro. De fato, embora muitas formas específicas de VG tenham sido cometidas por um parceiro íntimo (PI) e dentro de casa, muitas ocorreram na esfera pública (ver abaixo).

FIGURA 3.3 TIPOS E FORMAS DE VCMM IDENTIFICADOS EM QUATRO GRUPOS FOCAIS



Fonte: Grupos focais (2017)

A MAIOR PARTE DA VCMM É PRATICADA POR HOMENS CONHECIDOS DAS MULHERES E EM ESPAÇOS PÚBLICOS

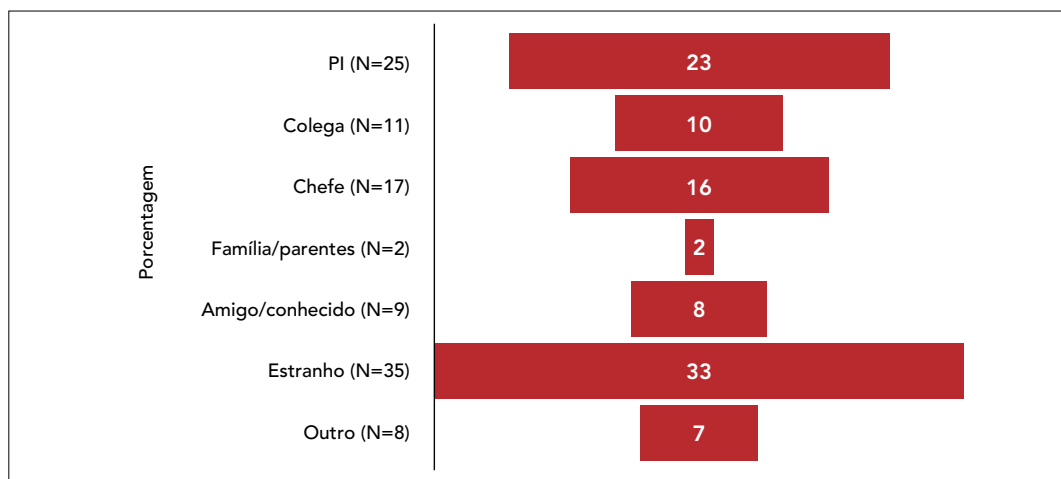
Segundo o questionário, dois terços da VCMM foram praticados por homens conhecidos das mulheres. Quase um quarto das ocorrências foi cometido por um parceiro íntimo (PI); empregadores e colegas de trabalho, juntos, somavam mais de um quarto. Também vale observar, no entanto, que um terço dos agressores eram desconhecidos (Figura 3.4).

Mais especificamente, a maior parte da violência foi praticada por pessoas não íntimas (PNI), fora de casa. A maior parte da violência física (76%), sexual (61%) e emocional (54%) foi praticada por homens próximos e familiares, chefes e colegas de trabalho, amigos e conhecidos, além de homens desconhecidos, e ocorreram em diversos locais, tais como ambientes de trabalho, estabelecimentos de ensino, espaços de lazer (lanchonetes,

bares, restaurantes), áreas de compras, espaços coletivos (ruas, parques, jardins) e meios de transporte.

De modo geral, a maior parte da VCMM foi cometida na esfera pública (78%) (Figura 3.5). No entanto, o local público mais comumente identificado para a prática de violência foi o ambiente de trabalho (23%), seguido por lanchonetes e bares (16%), transporte (10%) e espaços públicos (10%).

FIGURA 3.4 AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES BRASILEIRAS EM LONDRES

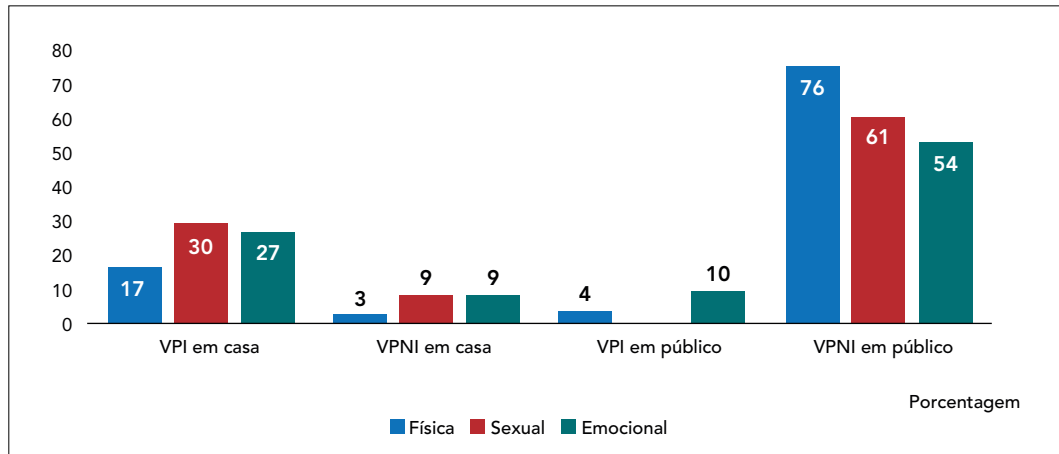


Fonte: Pesquisa da autora (N= variável)

Certas formas de violência ocorridas em espaços públicos, tais como o contato físico indesejado (toques, abraços, beijos) e formas específicas de violência emocional (humilhação ou discriminação e comportamento ameaçador), tinham maior probabilidade de ser praticadas por PNIs. O assédio sexual na esfera pública foi relatado por muitas mulheres, tais como Camila, uma baiana de 31 anos, que sofreu assédio sexual de um agente da imigração em Londres. Ela recordou:

“Depois de passar três horas sendo entrevistada, fui liberada para apanhar minha bagagem. Um agente de imigração me acompanhou até o local onde se encontravam as minhas malas. No elevador, ele disse: ‘Nossa, que seios lindos. Posso tocar?’ Algo do tipo. Olhei para ele e pensei: ‘acabei de chegar, e o assédio já começou?’ Respondi que não e fiquei com medo dentro do elevador. Ele continuou a me elogiar e puxar conversa, mas eu estava em choque, sem entender como algo daquele tipo podia acontecer num local tão formal, na área de imigração.”

FIGURA 3.5 AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES BRASILEIRAS: ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS



Fonte: Pesquisa da autora (N= 84) VPI = Violência por Parceiro Íntimo; VPNI = Violência por Pessoa não Íntima

O ESPAÇO MAIS COMUM PARA A PRÁTICA DA VCMM, SOBRETUDO O CONTATO FÍSICO INDESEJADO, A AGRESSÃO FÍSICA E SEXUAL E A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO, É O AMBIENTE DE TRABALHO

Cerca de duas em cada cinco mulheres (42%) que sofreram violência haviam vivenciado contato físico indesejado, envolvendo abraços, beijos ou toques, o que constitui a forma mais comum de violência. Em sua maior parte, tais contatos ocorreram apenas uma vez (80%), mas uma em cada cinco mulheres enfrentaram essa violência repetidas vezes. De fato, refletindo o fato de que 26% dos agressores se encontravam no local de trabalho, não surpreende que o espaço mais comum de ocorrência da VCMM seja o ambiente de trabalho (23%). Gabriela, de 41 anos, falou sobre o assédio que sofria de clientes, em seu trabalho como faxineira:

“Os velhos são bonzinhos, mas também meio pervertidos. No começo, são todos muito corretos. Depois que nos conhecem, eles acham que conquistaram a nossa confiança... Depois de um tempo, comecei a notar que, quando eu chegava para cumprimentá-lo, ele começava a me abraçar, botava a mão na minha cintura... eu dava um tapa na mão dele, dizia: ‘Tira a mão, o senhor está pensando o quê?’ Eu falava num tom suave, mas a realidade é que isso não deveria acontecer.”

Uma em cada três mulheres (33%) que sofreram violência foram submetidas a agressão física, incluindo empurrões, tapas, chutes, socos e ataque com objetos. Três em cada quatro mulheres haviam sofrido um episódio de agressão física, enquanto uma em cada quatro havia sofrido repetidos episódios. Tais ocorrências se davam mais comumente no local de trabalho e costumavam ser de natureza sexual. Isabel, por exemplo, trabalhava em um hotel e foi não só tocada, como agredida sexualmente por um colega. Em certa ocasião, ele a empurrou para dentro de um quarto vazio, imobilizou-a pelos braços e pernas e jogou-a sobre uma cama, sufocando-a enquanto tentava fazer sexo, mas ela lutou e conseguiu escapar. De forma semelhante, Gisleine, de 39 anos, relatou suas experiências enquanto trabalhava em um bar em Londres: *“Sim, num hotel, um português me empurrou contra o balcão do bar e tentou me apalpar, isso me assustou demais, foi em 2002.”*

Embora a forma mais comum de violência emocional contra brasileiras tenha sido o abuso verbal envolvendo humilhação ou discriminação (36%), seguida pelo abuso verbal envolvendo observações ofensivas em relação à aparência ou à personalidade (29%), muitos desses episódios também ocorreram no local de trabalho. Um exemplo de abuso verbal de gênero foi sofrido por Fernanda, de 27 anos, de São Paulo, no período em que trabalhou como professora em Londres:

"Aconteceu uma... conferência anual com todas as escolas... [o código de vestimenta] era corporativo, digamos, todo mundo de camisa e terno, mas eu decidi usar saia... Estaria com meus colegas, todos profissionais, aqui em Londres, no Excel Centre... para trinta e duas instituições. Então, no intervalo do almoço, um professor da quarta série se aproximou de mim e disse: 'Com essa saia, você podia faturar uns duzentos contos!' Eu mandei o homem desaparecer e segui com a minha vida, mas fiquei com aquilo preso na garganta; não se diz isso a uma pessoa."

Embora haja predominância de VG no local de trabalho, o assédio sexual no transporte público também era frequente, como bem notou Gisleine, de 39 anos:

"Eu estava no metrô, indo para a estação Elephant and Castle, lendo jornal; estava no último trem, em torno de meia-noite... Eu vi uma mão e me lembro do medo, fiquei assustada, porque ainda tinha que pegar um ônibus."

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É FREQUENTE, VARIADA E PROVAVELMENTE COMETIDA POR UM PI, SOBRETUDO VIOLÊNCIA SEXUAL

A residência revelou-se o segundo local mais comum de ocorrência de VCMM (citado por 22% das mulheres). As brasileiras vivenciaram uma ampla diversidade de VD nas mãos de um PI, incluindo violência física, emocional ou psicológica, sexual e econômica. Com efeito, as mulheres sofreram, com frequência e individualmente, diversos tipos de VD ao mesmo tempo. Por exemplo, Paula, de 36 anos, vinda do Paraná, relatou os abusos verbais e estupro constantes praticados pelo parceiro brasileiro, que era alcoólatra:

"Ele me chamava de piranha e vagabunda, 'Você não faz nada, você é um lixo! Pega suas porcarias e sai da minha casa', 'Você só ocupa espaço! Não significa nada para mim, você só está aqui por causa da minha filha, senão estaria na rua'... Ele me agredia verbalmente, depois queria fazer sexo, e eu dizia que não. Eu botava a bebê na cama comigo para evitar que ele se aproximasse, mas ele pegava a bebê e punha no sofá, porque ela não tinha bercinho, ela dormia no sofá. Então ele se aproximava, arrancava minhas roupas e queria fazer sexo anal comigo."

Agressões físicas praticadas por um PI em casa também eram comuns. Laura, de 36 anos, lembrou-se de como seu ex-namorado português (à época sob efeito de drogas) a atacou com uma faca:

"Nesse dia tivemos uma discussão, e ele pegou uma faca e a encostou no meu pescoço. Ele me imprensou na parede da cozinha, com a faca no meu pescoço. Mas os vizinhos já tinham chamado a polícia, que viu tudo pela janela da cozinha. Os policiais arrombaram a porta, e ele foi preso."

Não surpreende que as formas mais severas de controle e manipulação ocorreram dentro de casa, entre cônjuges. Assim como graves abusos verbais, como aqueles descritos por Paula, a manipulação financeira com frequência vinha à tona. Miriam, de 46 anos, relatou os episódios de roubo cometidos pelo marido, que nunca havia trabalhado em Londres:

“Ele passou quatorze anos aqui, e acho que trabalhou por dois meses... E queria que eu trabalhasse e desse o meu dinheiro a ele... Então, em 2011, ele já tinha me roubado. Eu digo ‘roubado’ porque ele apanhava na desonestidade. Em 2009, quando a minha filha nasceu, o meu dinheiro estava na conta dele, porque eu não tinha conta bancária. Eu estava hospitalizada, e ele foi até o banco, sacou £15.000 e passou para nome dele. Desde então eu não vi um centavo desse dinheiro!”

Em alguns casos, esse tipo de comportamento ocasionou graves dificuldades. O marido de Valentina trabalhava e recebia alguns benefícios do estado, mas recusava-se a dividir com ela e a filha do casal:

“Várias vezes eu não tinha dinheiro para comprar pão... Eu dizia [à minha filha]: ‘vamos ver se achamos umas moedas. Vamos fingir que estamos olhando os preços dos produtos nas prateleiras, mas se você encontrar uma moeda no chão, você apanha, e a mamãe apanha também, se encontrar.’ Costumávamos circular pelos corredores dos mercados procurando dinheiro para comprar pão.”

Outro tipo de VCMM relatado foi a violência em mídias sociais, mencionada por muitas mulheres, envolvendo abuso de poder e confiança por parceiros homens que publicaram conteúdos ameaçadores. Como no caso de Laura, que proibiu o ex-marido de ver o filho do casal e foi acusada, no Facebook, de ter sido responsável por ele ter quebrado o pé ao tentar arrombar a porta de sua casa:

“Ele marcou mais de cem pessoas que eu não conhecia, além de amigos em comum, e todos ficaram do lado dele. Todos me chamaram de vaca, de puta, de merda... Foi quando eu dei queixa dele, pois foi por pouco que ele não conseguiu arrombar a porta aos chutes, e também por causa da publicação no Facebook.”

VCMM ENTRE MULHERES BRASILEIRAS É INTERSECCIONAL

Já não existem dúvidas quanto à extrema importância de uma abordagem interseccional para a compreensão das experiências de mulheres negras e de minorias étnicas, no Reino Unido e além, sobretudo em relação à VCMM (IMKAAN, 2017; Kelly, 2013). Isso reconhece que essas mulheres vivenciam múltiplas formas de discriminação, sobretudo relativas a gênero, raça e classe social, além de relacionadas a identidades sociais como sexualidade, fé e outras, que não são cumulativas, mas interseccionais e pertencentes a contextos específicos. Mulheres imigrantes, em particular, também podem sofrer outros tipos de discriminação com base em suas condições de imigração e proficiência na língua relacionada, o que afeta não apenas sua exposição à VCMM, mas também a descoberta e a denúncia.

Em primeiro lugar, com foco no aspecto étnico, vale notar que a raça e as experiências de VCMM são ligadas de maneira interseccional. Segundo as respostas do questionário, por exemplo, mulheres de não brancas tinham maior probabilidade de sofrer violência (64%) do que mulheres brancas (44%)⁵.

Entre as mulheres brasileiras negras entrevistadas, muitas debateram a interseção entre racismo e sexismo, manifestada no abuso. Bianca, de 71 anos, descreveu os abusos verbais praticados pelo primeiro marido, brasileiro, que, entre outras ofensas, insultava a cor de sua pele:

“Na lua de mel, eu estava deitada com ele no sofá... ele disse: ‘olha como você é preta! Olha como eu sou branco, você é preta demais!’ Eu só chorava e chorava. Tive problemas muito sérios com meus filhos por conta disso. Eles eram todos brancos. O meu neto dizia: ‘olha o preço que a senhora pagou para ter filhos brancos, a senhora consegue enxergar quão preconceituosos eles são?’ Então, o mesmo preconceito que eu sofria da professora, da moça do salão, eu sofria também dos meus filhos. Eu trabalhava com uns psicólogos que me diziam: ‘os seus filhos têm vergonha de você porque você é negra. E o preconceito começa com o seu marido.’”

A etnicidade também se entrecruza com o gênero nas formas discriminatórias em Londres, segundo uma participante de um dos grupos focais:

“Uma vez eu fui numa loja na Oxford St., eu me lembro claramente, quando entrei, percebi que meus sapatos estavam sujos, e a vendedora ficou me encarando. Não sei ao certo se sofremos mais nesse contexto, por sermos negras... Sim, existe muito mais discriminação [contra as mulheres negras] do que contra as brasileiras brancas.”

Ao mesmo tempo, as mulheres comentaram que a VCMM também acontece com todas, sobretudo no Brasil, a despeito da classe social ou da escolaridade. Ana Clara falou a respeito:

“No Brasil, acho que as mulheres estão sempre muito vulneráveis; elas muitas vezes se encontram em situações difíceis, que não se relacionam com o contexto social, com a educação. Olhe só para mim, eu sou graduada, pós-graduada, então não tem nada a ver com o nível de educação, e sim com a situação em que você se encontra.”

A situação de imigração também surgiu como fator preponderante relacionado à experiência de VCMM por mulheres brasileiras em Londres. Em específico, a falta de segurança nas condições de imigração deixava as mulheres extremamente vulneráveis nas mãos de seus parceiros e em relação às autoridades. Entre os parceiros, revelou-se que os homens em situação regular de imigração exerciam poder e controle sobre as mulheres em situação irregular. Muitos provedores de serviços, por exemplo, observaram que a denúncia às autoridades de mulheres sem documentação torna-se uma ferramenta de abuso: “Se a mulher está neste país ilegalmente, e o marido está ‘legal’ (sic), ele faz o que quer, ela fica à mercê dele.” (Ver Evans e McIlwaine, 2017) Isso também dificulta bastante que as mulheres sem documentação denunciem casos de VCMM às autoridades, por medo de serem deportadas, de não acreditarem nelas ou de não serem capazes de relatar o ocorrido na língua inglesa (ver capítulo 4).

5. Uma grande proporção de mulheres asiáticas e negras também sofreram violência, mas os números são muito pequenos para suscitar inferências mais exatas.

Outro desdobramento disso é que as brasileiras com frequência acabam em relacionamentos extremamente abusivos quando a regularização de sua própria situação de imigração torna-se contingente em relação à de seus maridos ou parceiros, que então negligenciam a regularização dos documentos das mulheres. Por exemplo, outro provedor de serviço relatou que muitos relacionamentos e casamentos iniciados pela internet, a despeito de serem genuínos, terminam em VCMM:

“O Consulado [brasileiro] começou agora a advertir em relação a isso... Uma grande maioria estava se transformando em violência doméstica... As mulheres vêm para cá com o Príncipe Encantado, depois voltam para que ele conheça a família dela... daí ele traz a mulher para viver aqui, e então... dá-se o desastre!” (Ver Evans e McIlwaine, 2017)

Como exemplo disso, Miriam passou cinco anos em Londres sem documentação, até conhecer um português com quem veio a se casar. Os dois tiveram uma filha, e ao longo dos anos o marido sujeitou Miriam e a filha a variadas formas de violência. Ela observou:

“Então, se você considera se casar com alguém que tenha documentos, seja pela razão que for, é preciso tomar cuidado, porque no início é um conto de fadas, e depois disso eles começam a acabar com você. Então é importante ter cuidado com quem você se envolve.”

Em outros casos, mulheres em situação de imigração regularizada se perceberam vulneráveis a um PI inescrupuloso e manipulador, cujo objetivo com o casamento ou relacionamento era regularizar sua própria documentação. Paula, de 36 anos, por exemplo, relatou que seu namorado brasileiro, que não havia demonstrado qualquer interesse em estar com ela ou o bebê do casal, mudou de ideia tão logo ela garantiu um passaporte italiano. Em seguida ele passou a morar com ela, mas começou a sujeitá-la a variadas formas de violência verbal, física e sexual, até por fim ser preso.

A proficiência do idioma também era parte da condição de imigração, necessária para o reconhecimento da importância da abordagem interseccional à VCMM. Valentina, de Minas Gerais, contou que o marido a impedia de aprender inglês, como forma de controle:

“Eu tentei aprender inglês várias vezes, mas sempre tinha que largar, porque ele vivia criando obstáculos ao meu aprendizado. Hoje eu vejo que foi de propósito – ‘Se ela aprender inglês, vai ser capaz de se virar sozinha.’ Então ele inventava todo tipo de dificuldade.”

Isso exacerbou sua sensação de viver marginalizada na sociedade britânica, longe de estruturas de apoio, como relatou: *“Estamos longe do nosso país, não falamos a língua, não temos as profissões que teríamos em nosso país, não pertencemos à sociedade, estamos muito à margem.”*

O TRÁFICO DE PESSOAS E A ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA SÃO QUESTÕES PARA ALGUMAS BRASILEIRAS EM LONDRES

Outros tipos de violência que vieram à tona na pesquisa foram o tráfico humano e a escravidão contemporânea de mulheres, também com frequência relacionados à situação irregular de imigração. O *Modern Slavery Act* (Lei da Escravidão Moderna) de 2015 os define como escravidão, servidão e trabalho forçado ou compulsório e tráfico humano. Ainda que o tráfico possa envolver movimentação entre fronteiras, nem sempre é o caso. Com efeito, é importante notar que uma pessoa se torna vítima de tráfico não devido à jornada que empreende, mas à exploração que vivencia ao longo ou no final da jornada. Portanto, por mais que uma pessoa não tenha entrado no país contra a própria vontade, pode acabar em situação de tráfico.⁶ Os tipos de tráfico e escravidão foram de muito graves a pouco graves, e muitos dos autores eram outros brasileiros. Surgiram casos de trabalho forçado e grave exploração no mercado de trabalho, refletindo práticas laborais extremamente precárias e que podem ser definidas como formas de violência estrutural (Dominguez e Menjívar, 2014).

Um exemplo diz respeito a Camila, uma baiana de 31 anos que conheceu pela internet o marido brasileiro, que já morava em Londres. Em sua terceira viagem a Londres, após o casamento, Camila percebeu que havia se tornado prisioneira em sua própria casa:

“Acho que o pior tipo de abuso que eu sofri foi o abuso psicológico, pois eu vivi com ele por muitos anos sem poder abrir a boca quando ele ligava para a mãe, dentro da minha própria casa. Eu não podia espirrar, não podia me mexer, para que ela não descobrisse que havia alguém lá com ele. Ele me isolava do mundo, de certa forma, porque ninguém sabia que nós éramos casados.”

Sabrina, 44 anos, cearense, também vivenciou uma situação de tráfico e exploração de trabalho. Ela foi abordada no Brasil por uma família de brasileiros, que a convidou para trabalhar, em Londres, como babá dos filhos do casal. Eles organizaram a documentação e pagaram a passagem aérea de Sabrina, que entrou no Reino Unido com visto de turista. A partir daí o casal confiscou o passaporte de Sabrina e começou a forçá-la a trabalhar quatro horas extras, todos os dias, como faxineira de um restaurante e duas lojas, além de desempenhar as tarefas domésticas, ganhando apenas £100 por semana. Ela também sofreu assédio sexual de seu patrão, que a ameaçava com uma faca de cozinha caso ela contasse à mulher. Sabrina vivia aterrorizada, mas não podia dar queixa à polícia por medo de ser deportada, posto que estava sem documentação. Passou a trancar o quarto por dentro, de modo a impedir os ataques. Por fim, conseguiu arrumar outro emprego e abandonou o casal.

6. <http://www.nationalcrimeagency.gov.uk/crime-threats/human-trafficking> (Acesso em 10/06/17).

CAPÍTULO 4

Relatos de VCMM entre mulheres brasileiras em Londres

PONTOS-CHAVE

- A maioria (56%) das mulheres nunca denunciou um episódio de violência em Londres, principalmente por achar que não daria em nada, por falta de informação, por vergonha e por medo da deportação, devido à situação irregular de imigração
- Entre as mulheres que haviam relatado um episódio grave de violência, a maioria havia denunciado para amigos e para a polícia
- Denúncias à polícia foram consideradas, na maior parte, experiências negativas, especialmente entre mulheres em situação irregular de imigração
- Mulheres na faixa dos 40 anos, que estavam em Londres havia menos de um ano, eram solteiras e dependiam de benefícios do governo ou da renda um parceiro eram menos propensas a procurar ajuda
- A falta de conscientização sobre o que constitui VCMM retarda a busca por ajuda; muitas mulheres só a revelam quando procuram assistência para outros problemas
- Há uma limitação no uso de serviços oferecidos por organizações, mas o apoio de instituições especializadas é vital para sobreviventes de VCMM

Este capítulo documenta as diferentes formas como mulheres brasileiras lidaram com os episódios de violência que vivenciaram em Londres. Primeiro, traça os diferentes motivos que as mulheres apresentaram para não denunciar casos de violência. Depois, passa a considerar as diferentes organizações e serviços a que recorreram em busca de ajuda para lidar com as consequências da violência. O capítulo, então, explora as formas como as mulheres veem e reconhecem a VG.

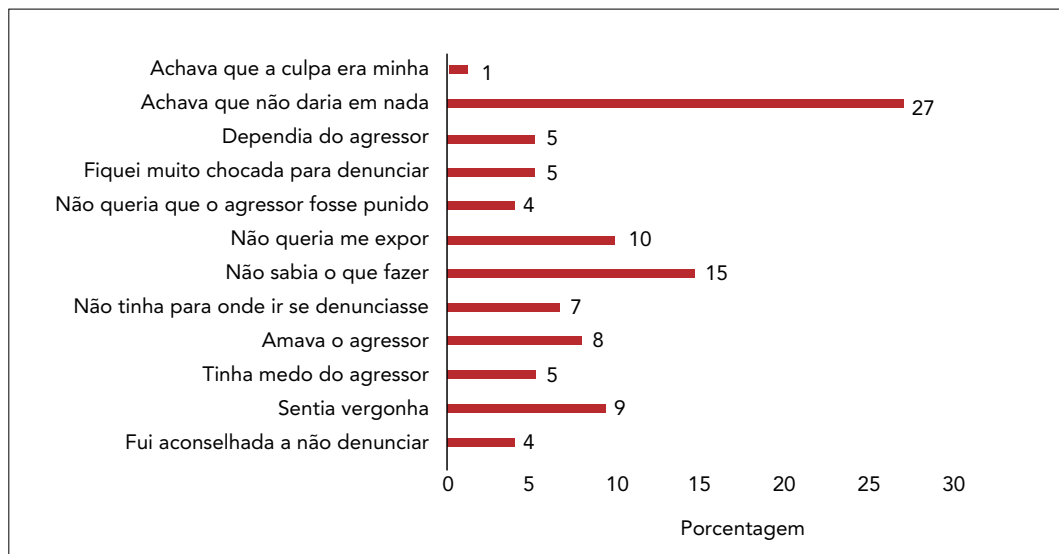
MAIS DE METADE DAS BRASILEIRAS QUE HAVIAM SOFRIDO VIOLÊNCIA EM LONDRES NUNCA A DENUNCIARAM

Cerca de metade das brasileiras que haviam sofrido um ou mais tipos de VCMM nunca fizeram uma denúncia, apresentando vários motivos para isso, sobretudo por sentirem que não daria em nada, por não saberem o que fazer, ou por se sentirem expostas e constrangidas (Figura 4.1).

Mais especificamente, a natureza do agressor e a situação em que ocorreu a violência influenciaram se e como as mulheres denunciavam, o que incluía vergonha, medo de ser abandonada sozinha em Londres, ou preocupação com os efeitos da denúncia sobre os filhos. A decisão de Carolina de não denunciar seu parceiro, por exemplo, resultou de uma combinação de fatores:

"... a vergonha daquilo! Eu me sentia tão mal, tão humilhada! (...) Não sabia como seria tratada aqui, porque como no meu país, na minha própria língua, ninguém nunca tinha feito nada para me ajudar, aqui eu pensei: 'Não sou nada, não sou ninguém. Não vão me ajudar de jeito nenhum.'"

FIGURA 4.1 MOTIVOS PARA NÃO DENUNCIAR UM EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA EM LONDRES



Fonte: Pesquisa da autora (N=34)

Mais uma vez, estar sem documentos ou aguardando a regularização da situação de imigração surgiu como fator crucial para impedir ou retardar a busca por ajuda. Esse foi o caso, por exemplo, de Cristina, que estava em situação irregular em Londres havia anos e não conseguiu obter apoio de um serviço especializado para deixar o marido violento:

“... como eu estava ilegal aqui, eles [organização prestadora de serviço] não puderam me oferecer nada. Se eu tivesse os documentos, o Conselho de Brent o teria tirado de casa e me dado algum apoio, mas como não tinha... Não estava com o passaporte italiano e não tinha dinheiro para buscá-lo no Itália. Sentia que as minhas mãos e os meus pés estavam atados, não tinha para onde correr.”

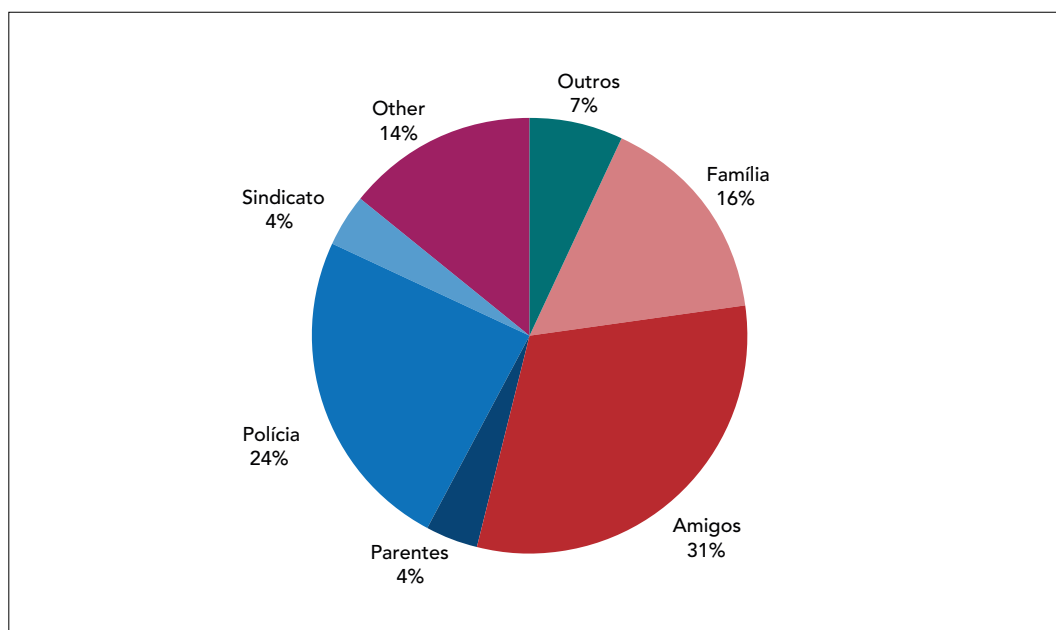
Frequentemente, a denúncia era o último recurso. Por exemplo, ao falar com outras brasileiras, mas também refletindo sobre suas próprias experiências nas mãos do marido, Valentina observou:

“Quando abrem a boca, é porque chegaram ao limite; já passaram por tudo que podiam suportar... Então quando chegam a esse ponto, precisam de muito apoio, porque é a última tentativa. Porque você geralmente fica em silêncio por muitos anos, sempre muito envergonhada, com vergonha de que a família e os amigos saibam que você está passando por isso, com medo do agressor, do que pode acontecer depois que você decidir falar...”

A MAIORIA DAS BRASILEIRAS QUE HAVIAM SOFRIDO UM EPISÓDIO GRAVE DE VIOLÊNCIA EM LONDRES BUSCARAM A AJUDA DE AMIGOS E DA POLÍCIA

Os índices de denúncias de violência grave foram muito mais altos. Por exemplo, entre as mulheres que haviam sofrido um episódio grave de violência em Londres, a maioria havia denunciado, especialmente para amigos (31%) e para a polícia (24%) (Figura 4.2). Mais especificamente, uma em cada cinco mulheres buscaram o apoio do Estado na forma de serviços sociais e de saúde, assim como de organizações que oferecem serviços genéricos ou especializados. Apenas proporções muito pequenas de mulheres buscaram apoio jurídico (7%) ou ajuda de igrejas (2%).

FIGURA 4.2 DENÚNCIAS DE VCMM A PESSOAS E ORGANIZAÇÕES EM LONDRES



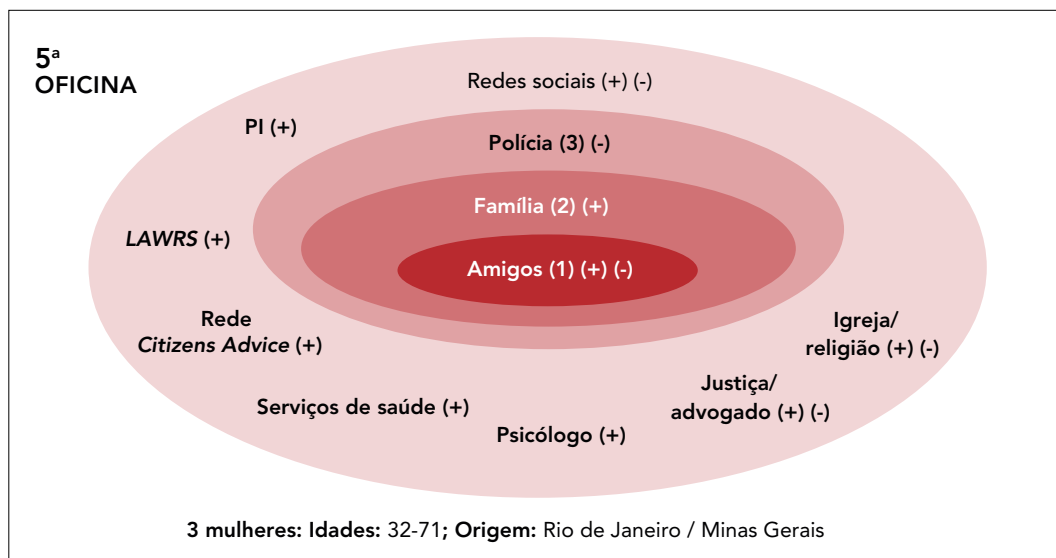
Fonte: Pesquisa da autora (N=37)

Nota: "Outros" inclui a gama de organizações às quais mulheres fizeram denúncias

No tocante a quem denunciou a VCMM, mulheres na casa dos 40 anos tinham a menor probabilidade de denunciar, junto com aquelas que estavam em Londres havia menos de um ano, o que se presume estar associado à falta de conhecimento. Por sua vez, mulheres solteiras eram menos propensas a buscar ajuda, assim como aquelas que dependiam de benefícios do governo ou da renda de um parceiro. Isso sugere que mulheres em circunstâncias financeiras mais precárias se sentiam menos capazes de procurar apoio do que aquelas com acesso a uma renda própria, ligada à liberdade que a independência financeira pode proporcionar (ver também McIlwaine, 2010).

O apoio que se buscou nem sempre foi considerado positivo. Por exemplo, embora mulheres em um grupo focal do Rio de Janeiro e de Minas Gerais tenham identificado uma vasta gama de fontes de assistência, priorizando amigos, família e a polícia, foram ambivalentes em relação a alguns auxílios; a polícia foi identificada como negativa, enquanto amigos foram considerados tanto positivos quanto negativos, assim como advogados, a igreja e as redes sociais, e a família era sempre percebida como prestativa (Figura 4.3).

FIGURA 4.3 MAPEAMENTO INSTITUCIONAL DE FONTES DE ASSISTÊNCIA USADAS POR MULHERES BRASILEIRAS EM LONDRES



Fonte: Oficinas com grupos focais (2017)

DENUNCIAR A VCMM À POLÍCIA FOI UMA EXPERIÊNCIA NEGATIVA NA MAIORIA DAS VEZES

Embora algumas mulheres tenham considerado positivas suas experiências com a polícia, outras disseram que a situação piorou e que acabaram sendo acusadas, geralmente por causa da falta de habilidade com a língua inglesa, da situação irregular de imigração e da manipulação por parte de seus PIs. Valentina, por exemplo, acabou acusada de violência, devido à manipulação do marido, depois de um episódio em que ela lhe deu um tapa (depois de anos de abuso da parte dele) e ele chamou a polícia:

“Eu dei um tapa nele. Ele só se virou, e eu dei outro tapa... Depois ele disse: “Vou resolver o seu problema agora, isso é violência doméstica, sabia?” Daí ele chamou a polícia... Quando a polícia chegou, eu estava com o uniforme e a mochila dela [da filha]. Ele explicou a situação, e como não falo inglês, a polícia não tinha como... Aí ele disse: ‘Ela quebrou o meu laptop, ela me deu tapa’, etc., etc. A polícia me perguntou: ‘Foi você que danificou o laptop? Como isso aconteceu?’ Eles queriam que eu dissesse, mas eu falei: ‘Não falo inglês’. Daí disseram: ‘OK, vamos levar você [conosco]’ e me levaram. Peguei uma muda de roupa, meus remédios, já que preciso deles, e me levaram para a delegacia. Já era quase 1h da manhã, e não apareceu nenhum intérprete antes das 6h. Então de vítima passei a agressora. E daquele ponto em diante, minha vida virou um inferno.”

No entanto, algumas mulheres elogiaram a polícia, como Carolina, que falou sobre sua experiência ao denunciar a VPI:

“Aqui, se você ligar pra polícia, eles agem imediatamente. Eu tenho um aparelho, é tipo um celular pequeno. Quando denunciei pela primeira vez, e me deram isso, uau. E me disseram: ‘Se tiver um incidente, aperte esse alarme e o policial mais próximo vai estar com você em segundos.”

A FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O QUE CONSTITUI VCMM RETARDA A BUSCA POR AJUDA

Muitas mulheres não tinham consciência de que estavam sofrendo VG, o que as impediu de procurar ajuda antes. A reflexão de Marcia, por exemplo, deixa claro como ela percebeu que aquilo que sofria nas mãos do PI havia tanto tempo constituía violência, ilustrando a experiência de muitas outras mulheres:

“Peguei um folheto que explicava o que era. Todos esses anos... eu não achava que estava sofrendo VD, tirando uma vez em que ele me deu um soco. Mas quando li a informação no folheto, fiquei chocada ao descobrir que tinha passado metade da minha vida sofrendo abuso psicológico e emocional sem perceber. Eu não entendia com o que estava convivendo.”

Enquanto algumas mulheres não tinham consciência, outras não estavam dispostas a admitir que sofriam violência, geralmente em função da manipulação de seus parceiros. Outras também falaram que haviam sido criadas no Brasil de modo a achar que esse tipo de violência era normal. Por exemplo, Valentina observou:

“Eu nem percebia que aquilo era violência, porque estava acostumada a ouvir as histórias da minha avó, da minha mãe, das minhas primas e das minhas irmãs, que passaram por isso; pra mim, nem era abuso, era normal, fazia parte de todo casamento.”

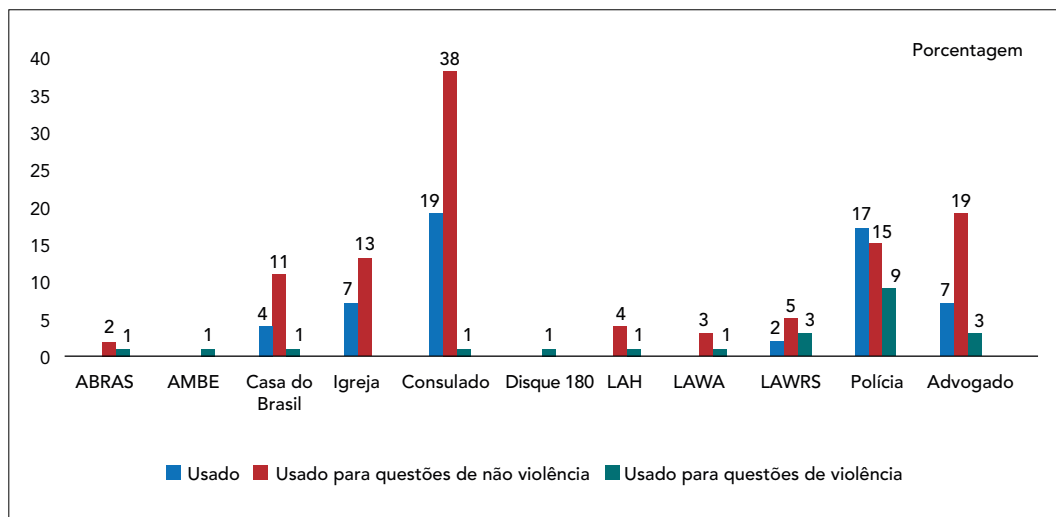
De fato, era comum que as mulheres procurassem outros serviços relacionados a saúde, imigração, moradia ou emprego, para então revelarem experiências de VCMM. Ana Clara, por exemplo, “descobriu” ao se consultar com seu médico:

“A situação era tão tóxica, tão prejudicial para mim, mas eu não percebia... Eu me sentia mal, me sentia feia, fiquei deprimida. Fui ao médico por causa da depressão, mas não achava que tinha a ver com o relacionamento, achava que era falta de vitamina D e luz do sol.”

HÁ UMA LIMITAÇÃO NO USO DE SERVIÇOS OFERECIDOS POR ORGANIZAÇÕES, MAS O APOIO DE INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS É VITAL PARA SOBREVIVENTES DE VCMM

Relacionado a isso, o número de mulheres brasileiras e latino-americanas que usaram serviços oferecidos por várias organizações foi limitado; muitas mulheres discutiram a VCMM como uma questão secundária. O Consulado Brasileiro foi a instituição mais consultada (58% de todas as mulheres), embora a maioria o tenha procurado por questões não relacionadas à violência (38%). Em seguida, estava a polícia (41%), mas apenas 9% estavam procurando ajuda para VCMM. Serviços de um advogado também foram solicitados por muitas mulheres (29%), embora, mais uma vez, apenas um pequeno grupo tenha tratado de VCMM (3%). De fato, em termos de acesso a assistência em relação a VG, a maioria procurou a polícia, que foi seguida por advogados e o LAWRS (Figura 4.4). É interessante notar também que mesmo aquelas que consultaram a LAWRA, que se concentra especificamente em VCMM, eram mais propensas a fazer isso por motivos não relacionados à violência.

FIGURA 4.4 USO POR PARTE DE MULHERES BRASILEIRAS DE SERVIÇOS OFERECIDOS POR ORGANIZAÇÕES EM LONDRES



Legenda: ABRAS (Associação Brasileira no Reino Unido); AMBE (Apoio a Mulher Brasileira no Exterior); Casa do Brasil (Associação brasileira em Londres); Disque 180 (Número de emergência para vítimas de VCMM no Brasil); LAH (Latin American House, organização de apoio à comunidade latino-americana); LAWA (Latin American Women's Aid, organização de apoio às mulheres latino-americanas); LAWRS (Latin American Women's Rights Services, organização voltada para a defesa de direitos de mulheres latino-americanas)

Fonte: Pesquisa da autora (N= 175)

No entanto, as mulheres que tiveram acesso a organizações de imigrantes descobriram que as mesmas proporcionavam uma tábua de salvação (ver também o capítulo 7). Algumas falaram sobre como a organização as ajudou a reconhecer que estavam sofrendo VG. Como observado acima, muitas mulheres procuraram uma organização por uma questão diferente e, com isso, os assistentes sociais descobriram abusos (Evans e McIlwaine, 2017). Além disso, algumas mulheres disseram que se sentiram mais empoderadas depois de visitar uma organização, e muitas demonstraram gratidão pela assistência que receberam. Miriam, por exemplo, recorda:

"Eles me ajudaram muito, me deram orientações e me apoiaram do começo ao fim, por dois anos e meio de audiências no tribunal. Não era fácil estar sempre lutando pelos meus objetivos. Ganhei o processo, felizmente, com o apoio do LAWRS (...) [eles] me ajudaram muito e, como não falo inglês muito bem, tive o apoio de muitos intérpretes voluntários nessa jornada."

Laura, por sua vez, falou que a organização ofereceu vários tipos de apoio, inclusive terapia, para ajudá-la a lidar com os efeitos da VCMM, e que ela se sentia grata por isso:

"Tudo que eu precisei, eles me deram. Fiz terapia e eles também tinham uma creche, então eu pude ficar mais relaxada durante os compromissos e não tive a pressão de estar cuidando das crianças, porque estava cuidando delas sozinha. Eles me ofereceram tudo: cursos, conversas e encontros com outras mães que sofreram experiências semelhantes. Sou muito grata e recomendo a todo mundo que eu conheço que esteja passando por coisas assim, mando todas pra cá."

CAPÍTULO 5

O caráter transnacional da VCMM – experiências de violência de mulheres brasileiras em seu país

PONTOS-CHAVE

- A grande maioria das mulheres sofreram VG no Brasil antes de imigrar (77%)
- No Brasil, a violência física foi o tipo mais comum (42%), seguida por violência emocional (36%) e sexual (22%)
- Contato físico não desejado foi o tipo específico mais comum, seguido por agressão física, agressão verbal e humilhação/discriminação
- Individualmente, as mulheres chegaram a Londres com experiências anteriores de mais de 20 tipos de VG sofrida em seu país
- A maioria daqueles que cometeram VCMM no Brasil eram homens conhecidos das mulheres, sendo que a maior parte da VG ocorreu na esfera pública, especialmente em locais de trabalho
- VCMM por pessoas não íntimas em casa era mais comum do que violência por PI no Brasil, em contraste com Londres e relacionado ao frequente abuso incestuoso por tios, pais e padrastos, que afeta futuros relacionamentos
- A maioria das mulheres nunca denunciou a VCMM por achar que nada seria feito, mas aquelas que sofreram um episódio grave denunciaram, principalmente à família e aos amigos e à polícia
- Um número um pouco maior de mulheres considerou que a VCMM ocorre em Londres com igual ou maior frequência do que no Brasil, o que estava ligado ao isolamento social, à falta de habilidade com a língua inglesa e à exploração interseccional por meio de estereótipos hiperssexualizados/discriminação de gênero sofridos por imigrantes
- VCMM e imigração internacional estão inter-relacionadas de maneiras complexas e transnacionais; 52% das mulheres que sofreram VG no Brasil também a sofreram no Reino Unido

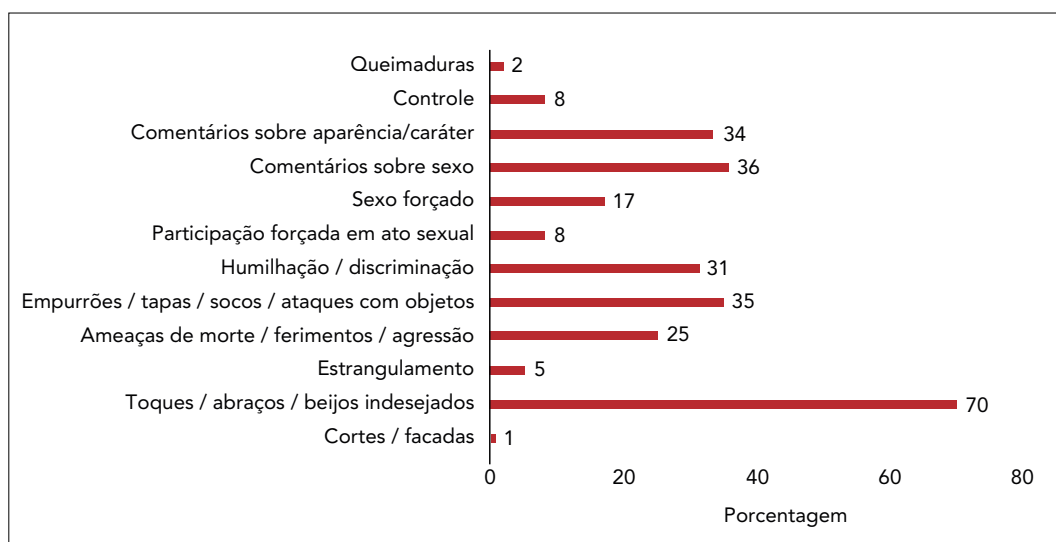
Este capítulo examina as experiências de mulheres brasileiras no Brasil antes de emigrarem para Londres, com o intuito de contribuir para a compreensão dos fatores que podem ter um papel em situações atuais, assim como o papel da migração nesse processo. De fato, mulheres imigrantes frequentemente chegam ao Reino Unido com experiências prévias de VCMM em seu país, assim como atitudes enraizadas sobre esse tipo de violência. Este capítulo explora essa questão, em paralelo com a natureza da assistência que as mulheres acessavam em seu país de origem para lidar com a VCMM, antes de discutir as percepções de mulheres brasileiras sobre as diferenças e as semelhanças entre a natureza da VCMM no Brasil e em Londres.

TRÊS QUARTOS DAS MULHERES HAVIAM SOFRIDO VG NO BRASIL ANTES DE EMIGRAR PARA LONDRES

Mais de três quartos (77%) de todas as mulheres que participaram da pesquisa haviam sofrido algum tipo de VG no Brasil antes de emigrar para Londres. O tipo mais comum foi a violência física (42%), seguida por violência emocional (36%) e violência sexual (22%). Esses números incluem uma variedade de tipos específicos, dentre os quais o mais comum foi o contato físico indesejado (70%), seguido por agressão verbal de natureza sexual (36%), agressão física (35%), agressão verbal relacionada à aparência ou ao caráter (34%) e humilhação/discriminação (31%) (Figura 5.1).

Como é o caso da VCMM em Londres, as experiências das mulheres no Brasil refletiram uma diversidade alarmante de experiências múltiplas, tanto coletivamente, quanto na vida individual. Por exemplo, Camila, de 31 anos, havia sofrido 11 tipos de VD nas mãos do parceiro no Brasil, incluindo socos, empurrões, chutes, controle, ameaças verbais e manipulação. Além disso, o irmão mais velho a submetia a agressões físicas, verbais e emocionais, a mãe batia nela, e a família do marido a atacava verbalmente em espaços domésticos. No ambiente de trabalho, Camila foi assediada sexualmente e manipulada por vários chefes, incluindo uma tentativa de estupro (ver abaixo), além de ter sofrido uma agressão sexual por parte de um amigo do namorado. De forma semelhante, Bianca, de 71 anos, foi negligenciada e coagida, sofreu agressões verbais e racismo do marido, além de ter sido agredida sexualmente por um tio, agredida fisicamente pelo pai, forçada a se casar, ter sofrido uma tentativa de estupro por parte de um mecânico enquanto seu carro era consertado e ser manipulada sexualmente pelo chefe no trabalho. Portanto, mulheres brasileiras chegam a Londres depois de terem sofrido até 20 tipos de VG no passado.

FIGURA 5.1 FORMAS DE VIOLÊNCIA QUE AS MULHERES SOFREM NO BRASIL

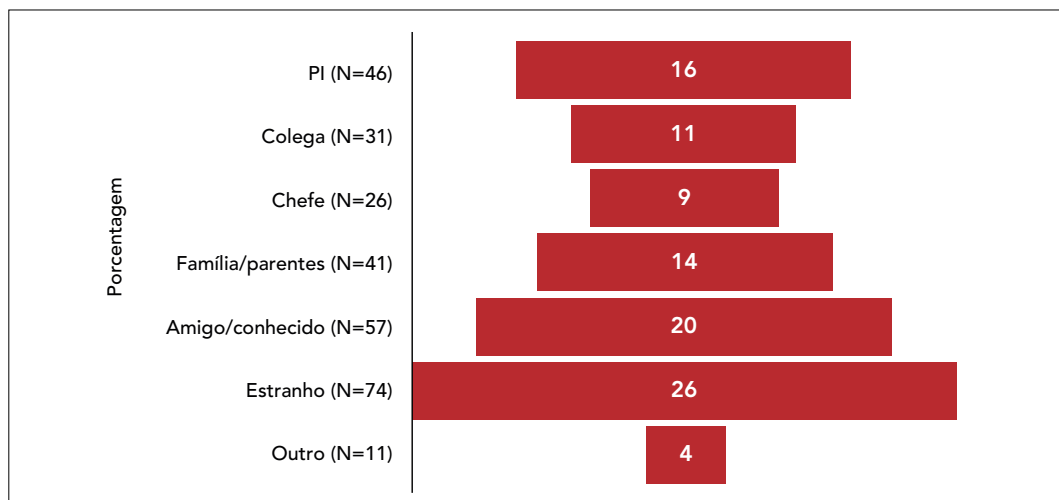


Fonte: Pesquisa da autora (N=134)

A MAIOR PARTE DA VCMM NO BRASIL É COMETIDA POR HOMENS CONHECIDOS DAS MULHERES E EM ESPAÇOS PÚBLICOS

A maior parte da VCMM no Brasil foi cometida por homens que as mulheres já conheciam. Amigos e conhecidos eram mais propensos a cometer VG, seguidos por colegas de trabalho e empregadores. Pis foram citados com menor frequência, assim como familiares e parentes. Mas estranhos constituíram a maior categoria única de agressores (Figura 5.2).

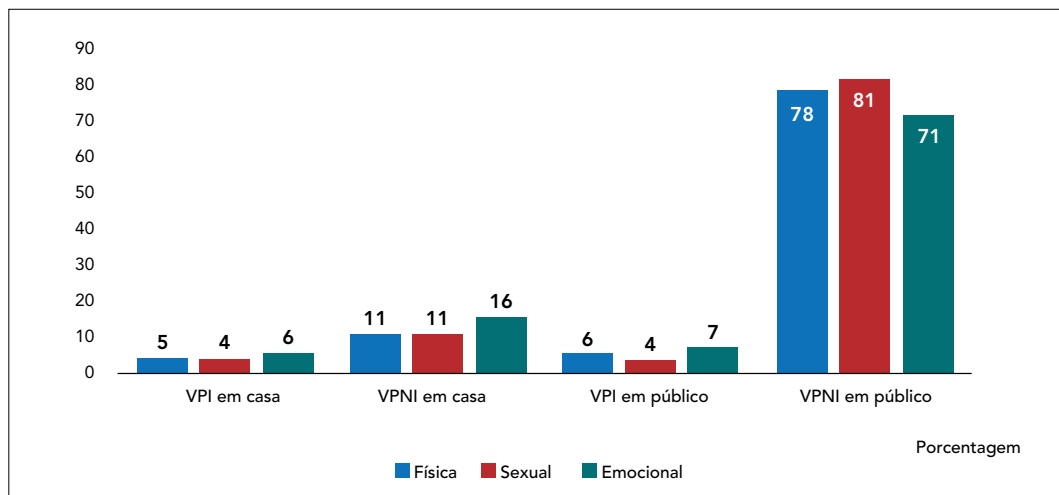
FIGURA 5.2 AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL



Fonte: Pesquisa da autora (N=variável)

Portanto, a maioria dos agressores eram PNIs fora de casa (Figura 5.3). Quatro entre cinco mulheres (81%) sofreram violência sexual (principalmente comentários ofensivos de cunho sexual). A violência física (principalmente contato físico indesejado) foi cometida por 78% dos agressores, enquanto 71% das mulheres foram submetidas à violência emocional (na maior parte, envolvendo humilhação e/ou discriminação e comentários ofensivos sobre a aparência e/ou o caráter).

FIGURA 5.3 AUTORES DE VCMM NO BRASIL: ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS (%)



Fonte: Pesquisa da autora (N=134)

OS ESPAÇOS ONDE A VCMM OCORRE COM MAIOR FREQUÊNCIA NO BRASIL FORAM LOCAIS DE TRABALHO, ESPECIALMENTE NO CASO DE CONTATO FÍSICO INDESEJADO E AGRESSÃO FÍSICA E SEXUAL

Em geral, um terço das mulheres haviam sofrido violência nas mãos de amigos e conhecidos no Brasil, principalmente contato físico indesejado (41%). Porém outro terço havia sido vítima de VG no local de trabalho, que é o espaço mais comum para a ocorrência de tal violência. Camila, por exemplo, contou que escapou por pouco de ser estuprada pelo chefe no escritório onde havia começado a trabalhar:

“Ele me pediu para subir e organizar alguns CDs e, então, entrou, fechou a porta do escritório e tentou me jogar na mesa para fazer sexo comigo. Eu só tinha 17 anos e ele era um homem velho. Ele disse que me daria todo o dinheiro que eu quisesse, que me ajudaria com tudo. Eu disse que não queria e consegui sair de lá. Fiquei com muita vergonha; fui trabalhar no dia seguinte, mas me sentindo muito constrangida. Ele me transferiu para outra loja que pertencia a ele em outra rua e lá ele começou a me oferecer para o filho... Então um dia resolvi pedir demissão e disse a ele que não voltaria.”

Elisa, por sua vez, observou que o assédio a mulheres em locais de trabalho era extremamente comum no Brasil, especialmente em bancos e na área de TI, onde ela trabalhou nos anos 1980 e 1990:

“Sabe, era uma coisa tão normal... Pra gente, na época, era considerado normal ser assediada pelo chefe ou por colegas, ser abordada, tocada, o que nunca era acidental, a gente sabia disso; ou falarem alguma coisa indecente, distorcendo alguma coisa que você disse, o que é muito típico em conversas de homens no Brasil, dar um duplo sentido a tudo. Isso aconteceu comigo muitas, muitas, muitas vezes, perdi as contas, porque a gente praticamente achava que era normal.”

VCMM POR PARTE DE PNIS ERA MAIS COMUM DO QUE A VCMM POR PIS EM ESPAÇOS DOMÉSTICOS NO BRASIL

Embora a VCMM em locais de trabalho fosse amplamente disseminada no Brasil, era também comum dentro de casa. De fato, a violência por PNIs dentro de casa era mais comum do que aquela cometida por PIs. Por exemplo, 38% dos incidentes específicos de VCMM dentro de casa no Brasil foram cometidos por PNIs, em comparação com 15% de violência cometida pelo PI (Figura 5.3). É um contraste com Londres, onde incidentes de violência cometida por PIs nesses espaços eram muito mais comuns do que a violência cometida por PNIs (74% em comparação com 21%). Embora esses padrões possam estar ligados a anomalias na pesquisa, podem também ser explicados em parte pelo fato de que muitas mulheres haviam deixado o Brasil antes de se casar ou morar com um parceiro. Porém é importante notar a ampla prevalência de históricos de violência intrafamiliar, especialmente por parte de tios e padrastos (ver o caso de Bianca acima). Como foi observado anteriormente, quase um quarto das mulheres identificaram familiares do sexo masculino como autores de violência incestuosa no Brasil. Entre as entrevistadas, oito entre 25 relataram ter sido submetidas a alguma forma de abuso sexual incestuoso pelo pai, por tios e por primos, e muitas ainda não superaram o trauma causado por essas experiências, que continuam a afetá-las. Por exemplo, Paula lembra que sofreu abuso sexual na infância por parte de um tio:

“Eu era muito pequena, acho que devia ter uns quatro ou cinco anos, e um tio veio morar com a gente... Lembro que ele costumava me pedir para tocar nele. Ele botava minha mão na genitália dele e me pedia para segurar. E quando você é criança, sente muito medo, não conta pra ninguém... E mesmo agora, não contei pra ninguém, porque já passou tanto tempo. Só que você nunca esquece, apenas cresce e continua lembrando.”

Mais uma vez, para reiterar, as mulheres brasileiras carregam esse tipo de trauma ao imigrar, o que afeta seus relacionamentos quando adultas em diferentes contextos no exterior.

A MAIORIA DAS MULHERES NÃO DENUNCIOU A VCMM NO BRASIL

Entre mulheres que haviam sofrido qualquer tipo de violência no Brasil, a maioria (60%) nunca fez denúncias. Assim como em Londres, isso estava relacionado a achar de que nada iria acontecer, a sentimentos de vergonha, a não querer se sentir exposta e não saber o que fazer (Figura 5.4).

FIGURA 5.4 MOTIVOS PARA NÃO DENUNCIAR VIOLÊNCIA NO BRASIL



Fonte: Pesquisa da autora (N=55)

Refletindo esses motivos, Natalia explicou porque nunca denunciou o pai abusivo, que também submeteu a mãe dela à violência:

“Quando você é criança, não tem ideia do tipo de ajuda que pode estar disponível. Na época, ninguém falava de violência ou abuso na escola, então eu não lembro de existir um espaço onde eu pudesse dizer alguma coisa. Não era como é hoje: quando vejo que as crianças escrevem para a professora para dizer que sofrem abuso do pai, é porque alguém mencionou isso, então elas sentem que podem pedir ajuda. Não lembro de nada disso na minha escola.”

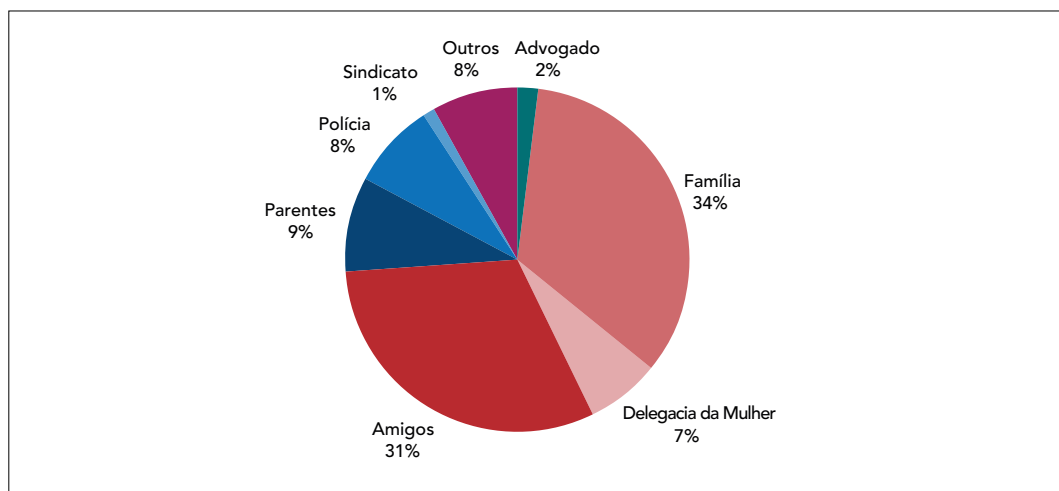
Marcia também explicou porque deixou de tomar uma atitude contra seus empregadores, depois que um gerente soube que ela estava grávida e sugeriu que ela abortasse, senão não seria promovida. Apesar de ter se sentindo discriminada, ela disse: “Se eu tivesse processado, eles teriam me demitido. Então decidi que preferia manter o emprego e não dizer nada.”

No entanto, quando a violência era muito grave, as mulheres eram mais propensas a denunciar (87%), especialmente à família (34%) e a amigos (31%) (Figura 5.5). Os motivos que levaram mulheres a escolher não contar suas experiências de violência incluem, mais uma vez, achar que as pessoas não acreditariam, medo, vergonha e suposições de que violência seria culpa delas. Camila, por exemplo, quase foi estuprada pelo namorado abusivo da melhor amiga, mas não denunciou à polícia porque não queria um escândalo, nem contou para a mãe, com medo que ela a culpasse. Mas ela foi procurar a mãe do agressor e se lembra da “culpabilização da vítima”:

“... o que eu ouvi era que tinha sido culpa minha. ‘Como pode uma mulher ficar sozinha em um carro com um homem?’ Deixaram claro que eu era a culpada, toda a família ficou contra mim e disseram que se eu fizesse qualquer coisa contra o filho, se eu o denunciasse, eles iriam me matar... Me xingaram muito, disseram que eu tinha provocado... Então tive que deixar pra lá.”

Embora 15% das mulheres tenham buscado assistência da polícia e da Delegacia da Mulher, os resultados foram variados. Muitas mulheres falaram sobre a ineficácia da polícia em levar os casos a sério e em perseguir ativamente os agressores. Paula lembra que o marido chegou em casa e começou a atacá-la, dando cabeçadas e socos nela. Apesar de um vizinho ter chamado a polícia, o marido já havia fugido. Mesmo tendo feito uma denúncia formal, o marido nunca foi preso e nenhuma medida foi tomada contra ele.

FIGURA 5.5 DENÚNCIAS DE ATOS GRAVES DE VIOLÊNCIA NO BRASIL

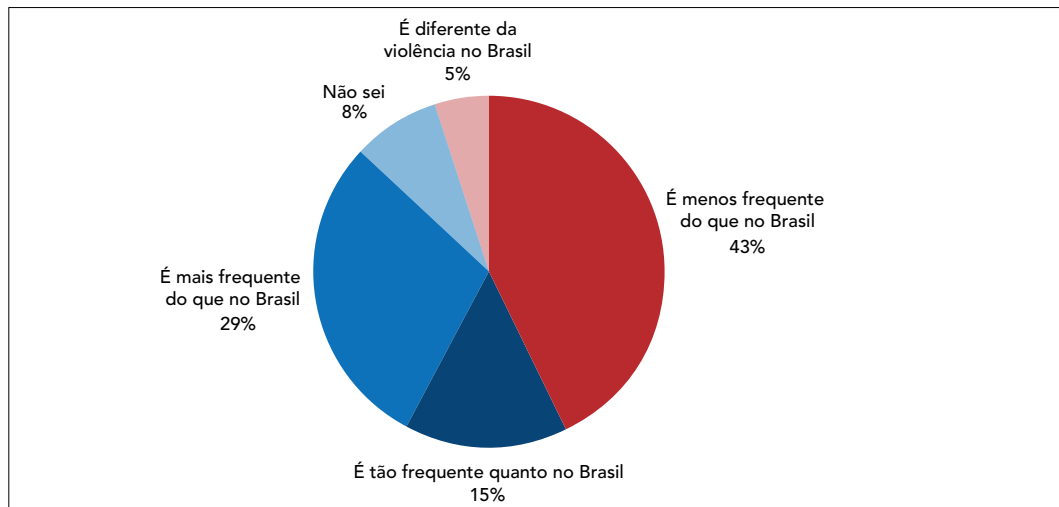


Fonte: Pesquisa da autora (N=49)

AS MULHERES BRASILEIRAS CONSIDERAM QUE A VCMM OCORRE EM LONDRES COM IGUAL OU MAIOR FREQUÊNCIA DO QUE NO BRASIL

A percepção das mulheres sobre a frequência de VCMM no Brasil e em Londres variou. Por um lado, 44% achava que a VCMM ocorria com igual ou maior frequência em Londres do que no Brasil. Mas, por outro, quase a mesma proporção (43%) achava que a VCMM acontecia com menor frequência em Londres (Figura 5.6).

FIGURA 5.6 VCMM EM LONDRES COMPARADA COM VCMM NO BRASIL



Fonte: Pesquisa da autora (N=171)

Os motivos são complexos, mas em termos da percepção de que a frequência em Londres era um pouco maior, a vida como imigrante tinha um papel importante. Como foi observado no capítulo 3 e associado à interseccionalidade, algumas mulheres falaram sobre como se sentiam marginalizadas por serem imigrante em Londres, o que podia exacerbar as experiências de VCMM. De acordo com Marcia:

“Acho que quando estamos fora do Brasil, ficamos mais vulneráveis... Quando eu estava no Brasil, tinha a família, os amigos, e aqui não tenho ninguém... Aqui você está por conta própria. Foi isso que notei com o meu marido, ele se aproveitou disso, porque sabia que eu não tinha para onde ir... Acho que o homem agressor se aproveita do fato de a gente estar longe da família e dos amigos. Porque quando a gente estava no Brasil, ele não me agredia da mesma forma. Não sei se ele tinha medo da minha família ou da reação dos meus amigos... Aqui ele fica mais forte.

Como também foi observado no capítulo 3, dificuldades com a língua inglesa tinham um papel importante, como Juliana relatou: “Aqui [em Londres], especialmente quando você está lidando com questões emocionais, as mulheres não conseguem expressar o que precisam por causa da questão do idioma”.

Também foi levantada a questão da exploração interseccional por meio de estereótipos sexuais ou hipersexualização de mulheres brasileiras por parte de homens no Reino Unido, o que, em si, foi identificado como uma forma de VCMM. Alana, por exemplo, falou que os

homens em Londres ficavam surpresos quando ela revelava que era brasileira, por ela não ter a aparência que esperavam. Ela explicou:

"A mulher latina tem uma fama, tem essa coisa que sempre me incomodou, que é tentar me adequar ao estereótipo da brasileira, então as pessoas muitas vezes ficavam surpresas, porque eu não sou uma brasileira estereotipada. Primeiro, porque não sou mulata. Eles dizem: "Você não tem cara de brasileira". E outro motivo é que eu me visto normalmente, sem ser sexy, e acham que toda mulher brasileira tem que ser sexy, e eu entendo por que isso acontece, porque a gente tem uma cultura tropical, mas é tão descarado que eles dizem: "Você não é sexy como as outras!", como se isso fosse uma coisa positiva."

Porém, embora a VCMM tenha sido identificada em ambos os países, foi frequentemente considerada mais grave no Brasil, por causa da impunidade, do acesso a armas de fogo e de índices mais altos de violência social, como Laura observou:

"[Os agressores] não param para pensar muito; eles só te matam. As filhas de duas amigas foram mortas. Uma delas decidiu deixar o marido, porque ele bebia e batia muito nela. Ele saía para trabalhar e a deixava trancada em casa com os três filhos. Então, um dia, ela pegou o filho e disse que estava indo embora, que ia voltar para a casa da mãe, porque não aguentava mais. Ele disse: "OK!" e quando ela estava saindo, ele pegou a arma e matou os dois."

VCMM E MIGRAÇÃO INTERNACIONAL ESTÃO RELACIONADAS DE FORMAS COMPLEXAS E TRANSNACIONAIS; 52% DAS MULHERES QUE SOFRIAM VG NO BRASIL TAMBÉM A SOFRERAM EM LONDRES

Há nítidas continuidades nas experiências de VCMM através das fronteiras. Por exemplo, como foi observado no capítulo 3, 52% das mulheres que sofreram VG no Brasil, também a sofreram em Londres.

Experiências de VCMM que subjazem a natureza de grande parte da migração internacional entre Brasil e Londres podem ser relacionadas a três processos: primeiro, há indícios de que as mulheres fogem de parceiros abusivos e se mudam para Londres para escapar deles; segundo, a VCMM se intensifica como resultado da imigração com o agressor; e terceiro, algumas mulheres sofrem VCMM pela primeira vez depois da imigração. Às vezes, esses processos se sobrepõem.

Por exemplo, Juliana, do Paraná, sobreviveu à violência do marido alcólatra no Brasil e veio para Londres para fugir dele e forçar o divórcio. Mas, em Londres, conheceu outro brasileiro, e depois que os dois se casaram e ela ficou grávida, ele começou a submetê-la a vários tipos de violência, inclusive tentativas de assassinato. Em outro exemplo, Flávia, da Bahia, havia tido pouca experiência com a violência no Brasil, mas ao se mudar para Londres, conheceu o marido italiano, que começou a agredí-la física e emocionalmente depois do nascimento do segundo filho. Por fim, Marisa, do Rio de Janeiro, se casou com um homem que havia nascido no Brasil, mas fora criado no Reino Unido e era cidadão britânico. Eles se conheceram quando ele de mudou de volta para o Brasil a trabalho e, desde o começo, ele a submeteu a várias formas de abuso emocional. Quando eles se mudaram para o Reino Unido com os filhos, o abuso se intensificou e passou a incluir outras formas, como abuso sexual, agressão física e comportamento ameaçador, inclusive deixando-a sem documentos e fazendo denúncias contra ela (ver capítulo 6; McIlwaine, 2010).

CAPÍTULO 6

Fatores causais e de risco para VCMM entre mulheres brasileiras em Londres

PONTOS-CHAVE

- Desigualdades de gênero e relações patriarcais calcadas no machismo são as principais causas de VCMM entre mulheres brasileiras em Londres e no Brasil e afetam muitos aspectos das relações sociais
- A misoginia e o machismo acompanham as imigrantes, embora se manifestem de formas diferentes em Londres e no Brasil
- Diferentes fatores de risco afetam a probabilidade da VCMM ocorrer em Londres
 - abuso sexual na infância
 - abuso de substâncias
 - gravidez e aborto espontâneo
- Fatores de risco sociodemográficos
 - Londres* > mulheres não brancas na faixa dos 40 anos, com pós-graduação, que moravam na cidade havia entre 10 e 20 anos e tinham acesso a sua própria renda eram mais propensas a sofrer VCMM
 - Brazil* > mulheres solteiras não brancas na faixa dos 20 anos, com educação até o ensino médio, que trabalhavam no setor de serviços e tinham renda conjunta com o parceiro eram mais propensas a sofrer VCMM

Este capítulo examina brevemente os fatores causais e de risco associados à VCMM entre mulheres brasileiras em Londres. A ONU Mulheres (2013, p. 8) identifica que as causas de VCMM são desigualdades de gênero profundamente arraigadas e discriminação calcadas em relações patriarcais refletidas em desequilíbrios de poder estruturais entre homens e mulheres. Mas a VCMM pode ser provocada por uma gama de fatores de risco que se atravessam e operam em diferentes planos (individuais, comunitários e sociais) (McIlwaine, 2013), dentre os quais alguns estão relacionados ao processo de imigração internacional (McIlwaine, 2010). Embora as relações patriarcais “viajem” através das fronteiras quando as mulheres se mudam do Brasil para Londres, há também fatores de risco que podem aumentar a probabilidade de sofrer violência, seja no Brasil ou em Londres, embora alguns digam respeito apenas ao contexto da imigração internacional.

CAUSAS DE VCMM: MACHISMO

Embora o conceito de machismo seja contestado, pode ser definido como um "sistema de patriarcado (...) [que] deriva da palavra "macho" e está frequentemente associado ao controle masculino (tanto ideológico quanto físico) sobre as mulheres, à virilidade, ao vigor sexual, à coragem e à competição entre homens" (Chant, 1991, p. 21). Como forma de relação patriarcal latino-americana, ocorre em casa, em locais de trabalho e na sociedade em geral. Geralmente manifesta-se como misoginia e como o exercício de poder sobre mulheres, muitas vezes por meio da violência. No caso de imigrantes latino-americanas, já se demonstrou que o machismo se mantém notavelmente resiliente quando as pessoas imigram para o exterior, mesmo que as práticas cotidianas de gênero mudem. Além disso, a experiência de ser imigrante pode levar homens a se sentirem emasculados, devido à falta de acesso a empregos adequados, baixos salários e discriminação na sociedade mais ampla, o que resulta no uso da força para exercer poder e controle sobre suas próprias vidas (McIlwaine, 2010; McIlwaine e Carlisle, 2011).

O machismo surgiu como uma questão importante na percepção de mulheres e homens brasileiros sobre as causas da VCMM em Londres. Um homem que participou de um grupo focal definiu o machismo como *"pensar que ele é mais, que quer ter domínio sobre ela, isso é o machismo"*. Uma mulher de outro grupo focal, descreveu com mais detalhes:

"O homem é dominante e a mulher é submissa. Ele pode ter várias [mulheres], ela só pode ter um homem; se ele quer trair, OK, mas ela precisa ter cuidado com as roupas, a maquiagem... O homem pode trair porque é homem; com a mulher, isso vem do berço: 'Tome cuidado!' Assim, você tem que pedir permissão sobre o que vai vestir, a maquiagem que vai usar... Enfim, um 'controlador'"

Embora ela também tenha comentado que as mulheres, em geral, tinham mais liberdade em Londres, a VCMM ainda acontece entre brasileiras e outras mulheres, por causa daquilo que ela chamou de "síndrome de Gabriela", para destacar como o machismo era persistente:

"É a síndrome de Gabriela, 'eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim, mulher, você simplesmente aceita, porque dói menos!' Eu ouvia isso muito de uma professora de literatura, e não refletia, mas é impressionante como, à medida que o tempo passa, com aquilo que você acaba vivenciando, percebe que infelizmente não era um bom conselho"

De fato, embora algumas mulheres tenham comentado que as desigualdades de gênero eram mais acentuadas no Brasil do que no Reino Unido, outras disseram que havia pouca diferença. Por exemplo, uma mulher em um dos grupos focais observou:

"Os homens continuam sendo muito machistas nesse sentido. Tanto lá quanto aqui. É a mesma coisa. Veja só como ele pensa. Quando eu estava trabalhando, ele não estava. Eu chegava em casa e ele estava cuidando no nosso filho, que tinha um pouco mais de ano. Ele passava o menino pra mim e dizia: 'Agora pega, fiquei o dia inteiro com ele!'"

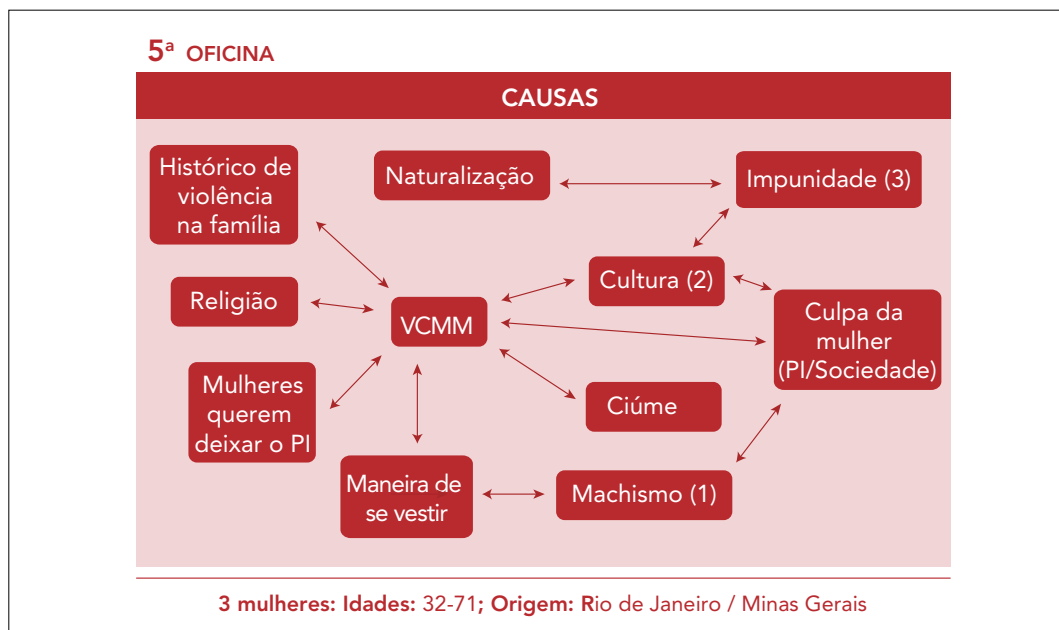
De fato, outra participante da pesquisa afirmou que o machismo e a misoginia eram apenas disfarçados em Londres:

“No Brasil, é tudo às claras. É comum ver homens humilhando e xingando mulheres em qualquer lugar. É uma coisa cultural, o desrespeito com a mulher. Acontece [em Londres] também, é claro, mas esse desrespeito é disfarçado.”

Apesar de o machismo ser identificado como uma causa específica da VCMM por si só, também foi relacionado a normas culturais, ciúmes e culpabilização da vítima. Por exemplo, uma discussão em um grupo focal com três mulheres apontou o machismo como a causa mais importante, seguido pela cultura e pela impunidade (Figura 6.1). Os comentários de Ana Clara sobre os motivos que ela acreditava terem levado o marido a ser violento refletem muitos aspectos do machismo:

“Acho que é porque a gente vive em uma sociedade muito chauvinista. Isso é muito claro pra mim, porque ele disse coisas muitas machistas várias vezes, assim como a família dele. A irmã dele me disse que o fim do casamento era culpa minha e um dos motivos era que ele trabalhava muito durante o dia e quando chegava em casa eu ainda esperava que ele brincasse com o filho, como se aquilo fosse extremamente doloroso pra ele! ... Enfim, é uma sociedade muito chauvinista.”

FIGURA 6.1 CAUSAS DE VCMM EM LONDRES



Fonte: Oficinas com grupos focais (2017)

Atitudes misóginas englobadas pelo machismo não levaram automaticamente à violência, mas certamente a sustentavam quando surgia. Se a VCMM era cometida ou não, especialmente em casos de VG física ou sexual, dependia de uma gama de fatores de risco que contribuíam para a probabilidade de ocorrer violência.

FATORES DE RISCO: ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

Testemunhar ou sofrer violência na infância foram fatores de riscos para meninas, associados a experiências de abuso sexual mais tarde. Como foi observado no capítulo 5, muitas mulheres brasileiras que haviam sofrido VG também tiveram experiências de violência cometida por homens muito cedo, especialmente abuso sexual incestuoso por parte de pais, tios, irmãos e primos.

Marisa, por exemplo, contou que sofreu abuso sexual por parte do meio-irmão, que poderia ter culminado em uma agressão, se a mãe não tivesse descoberto e interferido:

“Quando eu era criança, meu meio-irmão era mais velho que eu, e aconteciam alguns toques inapropriados. Uma vez ele disse: ‘Agora vamos tentar outra coisa, mas é um pouco mais doloroso’. Fiquei com medo e fugi, devia ter oito ou nove na época. Não sei o quanto a minha mãe descobriu sobre o que estava acontecendo, se foi porque eu contei a ela, ou porque fugi, não sei, mas ela me mandou ir morar com a minha avó, então morei com ela por um tempo, longe do meu irmão.”

FATORES DE RISCO: ABUSO DE SUBSTÂNCIAS

Abuso de drogas e de álcool entre agressores também foi identificado como um fator que desencadeava VCMM. Paula, por exemplo, falou sobre como álcool e drogas estavam ligados à grave violência que sofreu de seu primeiro namorado no Brasil. Depois de beber ou usar drogas, ele dava socos e tapas nela, batia em sua cabeça, a espancava, a amarrava, a trancava em casa, e também dava tiros na parede. Depois de se mudar para Londres, ela se viu envolvida com um homem brasileiro com quem havia trabalhado no Brasil vinte anos antes e ficou grávida dele por acidente; eles ficaram juntos, mas ele bebia todos os dias e a submetia com regularidade a agressões físicas, abuso emocional e violência sexual (incluindo estupros), assim como botou o bebê em perigo, ao pegá-la e movimentá-la enquanto estava bêbado.

FATORES DE RISCO: GRAVIDEZ E ABORTO ESPONTÂNEO

Ficar grávida e, então, ter o filho ou sofrer um aborto espontâneo também surgiram como fatores de risco para VCMM entre algumas mulheres. Por exemplo, Juliana falou que quando ficou grávida, o marido começou a mudar e a ficar cada vez mais violento. Inicialmente, ele chutava e dava socos na parede e gritava, mas depois começou a agredí-la verbalmente, passando a ameaçá-la de lesão corporal, a perseguí-la pela casa com uma faca e, por fim, a controlá-la, sem permitir que ela saísse sozinha. O comportamento abusivo piorou depois que a criança nasceu, culminando em agressão física (socos, tapas, estrangulamento). Um caso mais extremo foi o de Valentina, que sofreu cinco abortos espontâneos ao longo dos 22 anos em que ficou casada com um brasileiro, sendo que dois aconteceram no Brasil e três, em Londres, todos relacionados à violência emocional à qual foi submetida pelo marido.

FATORES DE RISCO: SITUAÇÃO DE IMIGRAÇÃO

Como foi discutido no capítulo 3, a situação de imigração surgiu como um fator de risco para algumas mulheres brasileiras em Londres. Por um lado, a condição irregular de imigração significou que algumas das mulheres se viram à mercê de Pls, cujas próprias situações estavam regularizadas e que usavam isso como recurso para agredir, controlar, manipular e ameaçá-las. Parte desse jogo de poder envolveu casos de homens/parceiros que prometiam providenciar a regularização e subseqüentemente negavam. Por outro lado, algumas mulheres que estavam em situação regularizada se viram vítimas de Pls inescrupulosos, cujo objetivo ao estarem casados ou em relacionamento era regularizar sua própria situação.

FATORES DE RISCO: CARACTERÍSTICA SOCIODEMOGRÁFICAS

Como foi discutido em parte no capítulo 3 em relação à interseccionalidade, é também possível delinear um amplo conjunto de características sociodemográficas baseadas nos dados da pesquisa que parece, em alguma medida, aumentar a probabilidade de uma mulher brasileira sofrer violência, em Londres e no Brasil.

Em Londres, em termos gerais, as mulheres que tinham mais chances de sofrer VCMM moravam na cidade havia entre 10 e 20 anos, estavam na faixa dos quarenta anos, eram separadas ou divorciadas, eram não brancas, tinham pós-graduação e trabalhavam no setor de serviços, em vez de empregos que exigem nível superior ou cargos gerenciais, e tinham acesso à sua própria renda, em vez de não ter renda alguma. Em contraste, as mulheres que não tiveram nenhuma experiência de violência em Londres eram brancas, com formação universitária, na faixa dos 20 anos, haviam chegado recentemente e trabalhavam como gerentes ou diretoras. Também estavam em relacionamentos longos e sua principal fonte de renda era a do parceiro.

Aquelas que corriam mais riscos de sofrer VCMM no Brasil antes de se mudarem tinham mais chances de estar na faixa dos 20 anos, ter educação secundária, não ser branca, ser solteira, trabalhar no setor de serviços e ter uma renda conjunta com o parceiro. Aquelas que não tinham experiência de VG no Brasil estavam na faixa dos 50, eram brancas, tinham pós-graduação e trabalhavam como profissionais, estavam casadas ou em um relacionamento longo, e tinham uma renda conjunta com o parceiro (Tabela 6.1).

TABELA 6.1 FATORES DE RISCO SOCIOECONÔMICOS PARA A VCMM ENTRE MULHERES EM LONDRES E NO BRASIL

	Londres		Brasil		Londres e Brasil	
Dado demográfico	Mais provável	Nada provável	Mais provável	Nada provável	Mais provável	Nada provável
Tempo em Londres	10-20 anos	Até 2 anos				
Idade	41-50	21-30	21-30	51-60	21-30	31-40
Escolaridade	Pós-graduação	Nível superior	Ensino médio (14 -17)	Pós-graduação	Pós-graduação	Nível superior
Raça	Não branca	Branca	Não branca	Branca	Não branca	Branca
Estado civil	Separada ou divorciada	Casada/em relacionamento de longa data	Solteira	Casada/em relacionamento de longa data	Solteira	Casada/em relacionamento de longa data
Ocupação	Cuidados Lazer Serviços	Gerentes e diretoras	Cuidados Lazer Serviços	Ocupações com exigência de nível superior	Cuidados Lazer Serviços	Ocupações com exigência de nível superior
Principal fonte de renda	Renda própria	Renda do parceiro	Renda conjunta com o parceiro	Renda do parceiro	Renda própria	Renda conjunta com o parceiro

Fonte: Pesquisa da autora (N= variável)

CAPÍTULO 7

Abordar e prevenir a VCMM entre mulheres brasileiras em Londres

PONTOS-CHAVE

- O apoio psicológico é a resposta a curto prazo mais importante e a intervenção para lidar com a VCMM mais mencionada
- A educação é a medida a longo prazo mais importante para prevenir a VCMM
- A sociedade, como um todo, é considerada responsável por erradicar a VCMM por um quarto das mulheres

Este capítulo conclui o estudo ao considerar a visão das brasileiras sobre as ações necessárias para abordar e prevenir a VCMM no curto e no longo prazo, no tocante a lidar com os sintomas e as causas subjacentes, tanto no plano individual quanto no plano social.

O APOIO PSICOLÓGICO É A RESPOSTA MAIS IMPORTANTE NO CURTO PRAZO E A INTERVENÇÃO PARA LIDAR COM A VCMM MAIS MENCIONADA

Muitas mulheres brasileiras acreditavam que sobreviventes de VCMM precisavam de apoio psicológico para lidar com os efeitos traumáticos no curto prazo imediato. Embora assistência financeira e acesso a serviços do Estado (benefícios, serviços sociais, a polícia) também tenham sido identificados, ficaram muitos atrás da necessidade de ajuda psicológica. Em termos de intervenções específicas para lidar com a VCMM, mais de um terço das mulheres brasileiras mais uma vez identificaram o apoio psicológico como a maneira mais importante de abordar a VCMM em Londres. Também foram considerados importantes o acesso a melhores serviços do Estado e de ONGs, assim como a conscientização das mulheres sobre questões cruciais (reconhecer a violência e procurar ajuda, conhecer seus direitos e denunciar agressores) (Figura 7.1).

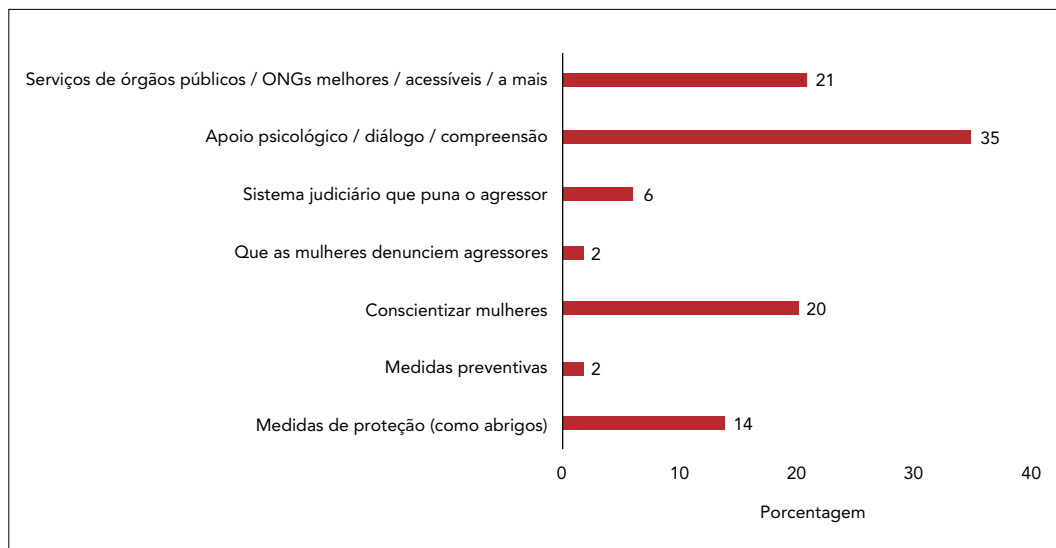
Carolina falou sobre a importância vital da terapia que ela conseguiu obter do LAWRS depois de sofrer VG:

“No começo, o maior impacto foi a terapia, porque eu teria me jogado na frente de um trem ou de um ônibus, eu teria me destruído. Estava tão desesperada, não falava a língua, não tinha em quem me apoiar. E [o prestador de serviço] fez toda a diferença.”

O apoio psicológico também precisa ser acompanhado por outras medidas, especialmente pela conscientização sobre os direitos das mulheres. Vitória, por exemplo, destacou a necessidade de mulheres reconhecerem e confrontarem a VG:

“... [é necessário] promover a conscientização sobre os direitos das mulheres, porque às vezes você está passando por uma situação que parece normal, mas quando você se conscientiza, percebe que não é... Eu venho de uma família com valores muito machistas... Fui criada assim, ainda tenha que me esforçar para não ser tão submissa, porque no meu contexto isso era normal. Então, antes de mais nada, é importante se educar, para que você possa se conhecer.”

FIGURA 7.1 INTERVENÇÕES NECESSÁRIAS PARA AJUDAR MULHERES BRASILEIRAS A LIDAR COM VCMM EM LONDRES



Fonte: Pesquisa da autora (N=114)

Portanto, como também foi observado no capítulo 4, é essencial que as mulheres sejam conscientizadas sobre o que constitui VCMM, como Juliana observou:

“Acho que quando as mulheres ficam sabendo que o que está acontecendo é sério, que é um tipo de violência, e que elas não precisam que aceitar a violência, então elas param para pensar, fazem alguma coisa e vão precisar ter acesso a apoio.”

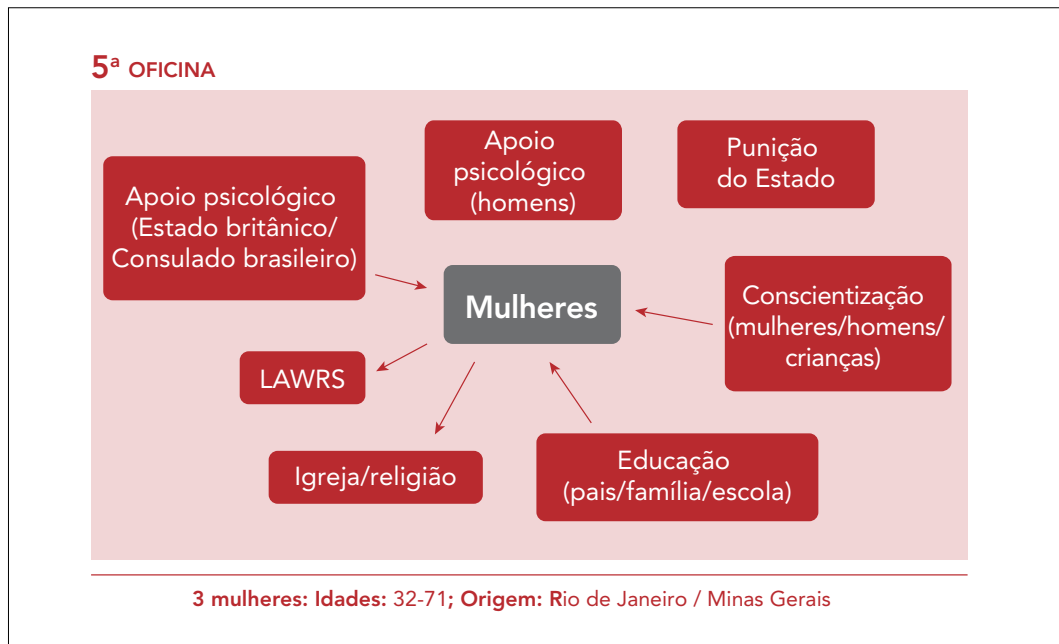
De forma mais geral, as mulheres também falaram sobre a necessidade de conscientização sobre VCMM de forma mais ampla, de modo a reduzir o estigma e também encorajar as mulheres a denunciar a VCMM, como Flavia argumentou:

“...é preciso expor, porque... a sociedade não quer acreditar que isso acontece todos os dias, deixando cicatrizes profundas em muita gente, porque afeta todo mundo, não só a mulher em si, mas todos em volta dela.”

Embora a maioria das intervenções específicas estejam relacionadas com assistência às mulheres, havia também a consciência de que os homens, como agressores, precisavam ser incluídos, para que a VCMM fosse prevenida. Por exemplo, um grupo focal de mulheres identificou o apoio tanto para vítimas sobreviventes da violência quanto para agressores, assim como conscientização para homens e mulheres (Figura 7.2). Isso foi ecoado por Alana, que comentou:

“Acho que precisamos envolver mais os homens nessa conversa, eles não podem ser deixados de fora, não podemos ter essa divisão ‘nós’ e ‘eles’, eles precisam ser incluídos e conscientizados, para pensar sobre o que acontece com as mulheres, porque se eles não estiverem juntos na luta para mudar essa visão, nada vai mudar.”

FIGURA 7.2 MEDIDAS PARA AJUDAR MULHERES A LIDAR COM A VCMM EM LONDRES



Fonte: Grupos focais (2017)

A EDUCAÇÃO É A MEDIDA A LONGO PRAZO MAIS IMPORTANTE PARA A PREVENÇÃO DE VCMM

A educação surgiu como a medida mais importante para prevenir a VCMM (44%). Isso se estendeu além da educação escolar para se concentrar em informações e direitos a longo prazo, de formas abrangentes, como Fernanda observou:

“... educação, mas não só a educação na escola, ou do tipo: ‘você tem que tratar as mulheres com respeito’, porque se as coisas não mudarem em casa, se o seu pai bate na sua mãe, vai ser muito difícil se recuperar ou não reproduzir isso; então, educação em uma dimensão mais ampla, a longo prazo, o que inclui não só a escola, mas a educação familiar... Uma reeducação da mídia, de várias coisas.”

Houve também uma demanda por educação através de campanhas, e a disseminação de informações sobre a VCMM foi identificada por 18% das mulheres na pesquisa, como Márcia explicou:

“Então, acho que educação, informação, assim como uma conscientização maior entre as mulheres. Assim, por exemplo, aquele folheto, uma coisa tão simples, caiu no meu colo na hora certa e me fez perceber o dano que eu estava causando a mim mesma.”

Algumas das outras medidas identificadas foram a necessidade de promover a igualdade de gênero erradicando o machismo (18%), punição mais eficaz para os agressores como medida para prevenir a VCMM (9%), necessidade de as mulheres falarem por si (5%) ou que a sociedade não culpe as mulheres pela VG (3%).

UM QUARTO DAS MULHERES CONSIDERA A SOCIEDADE COMO UM TODO RESPONSÁVEL POR ERRADICAR A VCMM

Pouco mais de um quarto das mulheres (26%) acreditavam que a sociedade, como um todo, deveria estar envolvida na prevenção e na erradicação da VCMM. Algumas sentiam que o Estado tinha a maior responsabilidade (18%), enquanto outras achavam que era responsabilidade das mulheres (17%). Supreendentemente, apenas uma pequena minoria das mulheres (6%) achava que homens e meninos deveriam estar envolvidos em ajudar a promover mudanças sociais em relação à VCMM. No entanto, é preciso lembrar que a "sociedade como um todo" se refere a homens e meninos. De fato, Natalia comentou a importância da educação dos pais nesse processo:

"... quando você tem filhos homens, precisa ensiná-los a respeitar as mulheres... A pessoa que está com eles tem uma mãe, uma avó e uma irmã do mesmo jeito que eles, e devem fazer com a família dos outros tudo que eles não querem para as mulheres da família... Tem muita gente que ainda ensina os filhos que a mulher é como uma escrava, então precisamos mudar o que ensinamos aos nossos filhos. Não só as mães... os pais também."

Como observação final, é importante voltar ao ponto de partida deste relatório, que é a importância de elucidar a natureza da VCMM e promover a conscientização sobre como a mesma afeta mulheres brasileiras em Londres. Um aspecto central desse processo é o reconhecimento não só do papel das organizações de pesquisa e de prestação de serviços sociais, mas também da coragem e da resiliência das vítimas e sobreviventes ao se pronunciarem. É pertinente concluir com as palavras de uma das mulheres, Valentina:

"Então, quando isso alcança o público, quando há maior conscientização, quando se diz: 'olha, isso acontece, não adianta ignorar, não adianta fechar os olhos, essa é a realidade de muitos lares', daí podemos falar sobre o assunto. Vamos revelar a verdade dolorosa. Então todo mundo que estiver passando por essa dor vai sentir: 'eu tenho o direito de falar sobre o que está acontecendo comigo, não estou sozinha, não sou a única vítima'. Isso vai incentivar outras mulheres a se pronunciar, a identificar o problema, para que possamos combatê-lo, porque se não conseguimos identificá-lo, não podemos combatê-lo. Não é possível lutar no escuro, se você não sabe quem é o inimigo, ou o que é o inimigo."

Recomendações de políticas

AUMENTO DE DENÚNCIAS SEGURAS:

- Mecanismos de denúncia que garantam a mulheres vítimas de crimes a possibilidade de fazer denúncias de forma segura (em sua própria língua) à polícia e a outros órgãos, incluindo o Serviço Nacional de Saúde, conselhos locais, serviços sociais, escolas, etc., sem medo de que seus dados sejam compartilhados com o Ministério do Interior para fins de controle de imigração, de modo a estabelecer uma efetiva barreira de segurança para proteger os direitos das vítimas acima do controle de imigração.
- Salvar os dados pessoais de imigrantes para garantir que as vítimas de crimes em situação irregular possam fazer denúncias à polícia, testemunhar em um tribunal e ter acesso à justiça e a outras reparações.
- Inclusão de módulos de treinamento dentro da polícia e de agências de fiscalização do trabalho sobre as circunstâncias de imigrantes vítimas de crimes, os obstáculos para denúncias e os tipos de apoio necessários para melhorar a identificação de vítimas imigrantes.
- Projeto de Lei contra Agressão e Violência Doméstica que estabeleça diretrizes para a proteção dos direitos de vítimas imigrantes acima do controle de imigração.

APOIO PARA QUE MULHERES POSSAM DEIXAR A VIOLÊNCIA E LEVAR UMA VIDA INDEPENDENTE:

- Estender as disposições da condição No Recourse to Public Funds ("Sem acesso a recursos públicos", NRPF, na sigla em inglês) para vítimas de VD a mulheres imigrantes não dependentes de cidadãos britânicos, especialmente em relação a dificuldades em fornecer provas de que a VD aconteceu e ao curto prazo de três meses para isso.
- Treinamento para agentes de instituições (incluindo polícia, serviços sociais, escolas, agência de emprego, equipe médica) sobre a situação de mulheres imigrantes que sofrem VCMM e sobre obstáculos, necessidades e o apoio disponível, com o intuito de aumentar o número de mulheres em contato com instituições que consigam ter acesso à assistência.
- Treinamento para instituições sobre o impacto de formas menos conhecidas de VCMM, incluindo violência psicológica/controlado coercitivo, abuso financeiro e crimes de honra, e sobre a incidência das mesmas em diferentes comunidades.
- Financiamento adequado para serviços de VCMM especializados em mulheres imigrantes, incluindo serviços sociais e aconselhamento jurídico sobre as diferentes formas de violência, assim como apoio psicológico em línguas minoritárias por meio de um modelo de comissionamento que tenha consciência de que mulheres imigrantes, de minorias étnicas ou refugiadas têm necessidade de apoio holístico a um prazo maior e da importância de manter espaços exclusivos para mulheres de modo a possibilitar o acesso.

- Financiamento de abrigos, especialmente abrigos para mulheres negras e de minorias étnicas, que perderam cerca de metade do financiamento do conselho local entre 2009 e 2016.
- Maior colaboração entre instituições, governos e prestadores de serviços especializados e outras organizações não governamentais que combatem a VCMM.

PREVENÇÃO:

- Trabalho de prevenção em escolas, treinamentos para estudantes, professores e funcionário sobre relacionamentos saudáveis e sinais de agressão, como lidar com isso, etc.
- Treinamento especializado em VCMM e campanhas de conscientização em português, com o objetivo de ampliar o entendimento sobre VCMM e as opções jurídicas para vítimas na comunidade brasileira.
- Trabalho de divulgação com o objetivo de promover a conscientização sobre o espectro da VCMM e combater o estigma, com foco em mulheres brasileiras.

OUTROS:

- O governo central deve dar os passos necessários para a implementação adequada da Convenção de Istambul, da Diretiva da EU sobre vítimas e da CEDAW (Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres, na sigla em inglês).
- Maior apoio em assistência judiciária para garantir que as vítimas de VCMM tenham acesso à justiça, independente de sua situação de imigração.

Referências

- Anitha, S. "Neither Safety Nor Justice: The UK Government Response To Domestic Violence Against Immigrant Women". In: **Journal of Social Welfare and Family Law**, v. 30 n. 3, 2008, pp. 189-202.
- Beserra, B. "From Brazilians to Latinos? Racialization and Latinidad in the making of Brazilian carnival in Los Angeles". In: **Latino Studies**, v. 3, n. 1, 2005, pp. 53-75.
- Boesten, J. "Of exceptions and continuities: theory and methodology in research on conflict-related sexual violence". In: **International Feminist Journal of Politics**, v. 19, n. 4, 2017.
- Chant, S. **Women and Survival in Mexican Cities**. Manchester: University of Manchester Press, 1991.
- Datta, K.; Mcllwaine, C. "Negotiating masculinised migrant rights and everyday citizenship in a global city: Brazilian men in London". In: Gorman-Murray, A.; Hopkins, P. (Orgs.). **Masculinities and Place**. Aldershot: Ashgate, 2014, pp. 93-108.
- Dominguez, S.; Menjívar, C. "Beyond individual and visible acts of violence: A framework to examine the lives of women in low-income neighborhoods". In: **Women's Studies International Forum**, v. 44, 2014, pp. 184-195.
- Erez, E.; Adelman, M.; Gregory, C. "Intersections of Immigration and Domestic Violence, Voices of Battered Immigrant Women". In: **Feminist Criminology**, v. 4, 2009, pp. 32-56.
- Evans, Y.; Tonhati, T.; Dias, G.; Brightwell, G.; Sheringham, S.; Souza, A.; Souza, C. "Brazilians in London: a report". In: **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, v. 36, 2011, pp. 235-248.
- Evans, Y.; Dias, G.; Martins JR, A.; Souza, A.; Tonhati, T. **Diversidade de Oportunidades: Brasileiros em Londres**. Londres: GEB/GOLDSMITHS/QMUL/Oxford Brookes, 2015.
- Evans, Y.; Mcllwaine, C. **Supporting Brazilian Women in London: Service Provision for Survivors of Violence Against Women and Girls (VAWG)**, Londres: CASA/ESRC/LAWRS/PPP/QMUL/Redes/UFRJ, 2017. Acesso em 30 de outubro de 2017. <<http://www.geog.qmul.ac.uk/media/geography/docs/research/Supporting-Brazilian-Women-in-London-Final-07-04-17.pdf>>
- Dominguez, S.; Menjívar, C. "Beyond individual and visible acts of violence: A framework to examine the lives of women in low-income neighborhoods". In: **Women's Studies International Forum**, v. 44, 2014, pp. 184-195.
- Gill, A.; Rehman, G. "Empowerment Through Activism: Responding to Domestic Violence in The South Asian Community". In: **Gender and Development**, v. 12, n. 1, 2004, pp. 75-82.
- Hume, M. **The Politics of Violence: Gender, Conflict and Community in El Salvador**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.

- Imkaan. **Safe pathways? Exploring an intersectional approach to addressing violence against women and girls** – Good Practice Briefing. Londres: Ascent (London VAWG Consortium), 2017. <<https://thelondonvawgconsortium.org.uk/wp-content/uploads/2017/03/CORRECT-Good-Practice-Briefing-Imkaan-Intersectionality.pdf>>
- Kelly, L. **Surviving Sexual Violence**. Oxford: Polity Press, 1988.
- Kelly, L. "Inside Outsiders". In: **International Feminist Journal of Politics**, v. 7, 2005, pp. 471-495.
- Kelly, L. "Moving in the shadows: introduction". In: Y. Rehman; L. Kelly; H. Siddiqui (Orgs.). **Moving in the Shadows: violence in the lives of minority women and children**. Londres: Routledge, 2013, pp. 1-11.
- Loya, R.M. "The Role of Sexual Violence in Creating and Maintaining Economic Insecurity Among Asset-Poor Women of Color". In: **Violence Against Women**, v. 20, 2014, pp. 1299–1320.
- Menjivar, C.; Salcido, O. "Immigrant Women and Domestic Violence: Common Experiences in Different Countries". In: **Gender & Society**, v. 16, 2002, pp. 898-920.
- McDonnel, J.; de Lourenço C. "You're Brazilian, right? What kind of Brazilian are you? The racialization of Brazilian immigrant women". In: **Ethnic and Racial Studies**, v. 32, n. 2, 2009, pp. 239-256.
- Mcllwaine, C. "Migrant machismos: exploring gender ideologies and practices among Latin American migrants in London from a multi-scalar perspective". In: **Gender, Place and Culture**, v. 17, n. 3, 2010, pp. 281–300.
- Mcllwaine, C. "Urbanisation and gender-based violence: exploring the paradoxes in the Global South". In: **Environment and Urbanization**, v. 25, 2013, pp. 65-79.
- Mcllwaine, C. "Gender- and age-based violence". In: Desai, V.; Potter, R. (Orgs.). **The Companion to Development Studies**. Nova York/Oxon: Routledge, 2014, pp. 493-499.
- Mcllwaine, C.; Carlisle, F. "Gender transformations and gender-based violence among Latin American migrants in London". In: C. Mcllwaine (Org.). **Cross-Border Migration among Latin Americans: European Perspectives and Beyond**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011, pp. 157-174.
- Mcllwaine, C.; Cock, J. C.; Linneker, B. **No Longer Invisible: The Latin American Community in London**. Londres: Trust for London, 2011.
- Mcllwaine, C.; Bunge, D. **Towards Visibility: the Latin American Community in London**. Londres: Trust for London, 2016.
- Mcllwaine, C.; Carlisle, F. "Gender Transformations and Gender-Based Violence Among Latin American Migrants In London". In: Mcllwaine, C. (Org.). **Cross-Border Migration among Latin Americans: European Perspectives and Beyond**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011, pp. 157-174.
- Moser, C. O. N. "The gendered continuum of violence and conflict: an operational framework". In: Moser, C. O. N.; Clark, F. (Orgs.). **Victims, Perpetrators or Actors?** Londres: Zed, 2001, pp. 30-52.

Palermo, T.; Bleck, J.; Peterman, A. "Tip of the iceberg: reporting and gender-based violence in developing countries". In: **American Journal of Epidemiology**, v. 179, n. 5, 2014, pp. 602-612.

Piscitelli, A. "Looking for New Worlds: Brazilian women as international migrants". In: **Signs**, v. 33, n. 4, 2008, pp. 784-793.

ONU. **United Nations Declaration on the Elimination of Violence Against Women**, A/RES/48/104, 1993. Acesso em 20 de maio de 2016.
<<http://www.un.org/documents/ga/res/48/a48r104.htm>>

UNFPA. **The role of data in addressing violence against women and girls**. Nova York: UNFPA, 2013. Acesso em 23 de janeiro de 2017. <[http://www.unfpa.org/sites/default/files/resource pdf/finalUNFPA_CSW_Book_20130221_Data.pdf](http://www.unfpa.org/sites/default/files/resource%20pdf/finalUNFPA_CSW_Book_20130221_Data.pdf)>

ONU Mulheres. **Ending Violence Against Women and Girls Programming Essentials**, ONU Mulheres, 2013. Acesso em 29 de outubro de 2017. s
<<http://www.endvawnow.org/uploads/modules/pdf/1372349234.pdf>>

Wilding, P. "New Violence: Silencing Women's Experiences in the Favelas of Brazil". In: **Journal of Latin American Studies**, v. 42, 2010, pp. 19-747.

Wills, J.; Datta, K.; Evans, Y.; Herbert, J.; May, J.; McIlwaine, C. **Global Cities at Work: New Migrant Divisions of Labour**. Londres/Nova York: Pluto Press, 2010.

Apêndice

ESTRUTURA METODOLÓGICA

A pesquisa utilizou uma abordagem metodológica mista. Isso incluiu uma pesquisa por questionário on-line, entrevistas com mulheres brasileiras que sobreviveram à violência, entrevistas com representantes de organizações que oferecem serviços de apoio a essas mulheres e oficinas com grupos focais com mulheres e homens brasileiros. Todas essas atividades foram realizadas no período entre julho de 2016 e junho de 2017.

A **pesquisa por questionário on-line** reuniu dados sobre as principais características das participantes, assim como informações sobre episódios de violência que as mulheres podem ter sofrido no Brasil e em Londres. Isso incluiu o tipo de violência sofrida, as fontes de apoio a que as mulheres recorreram, seus motivos para não buscar ajuda, assim como seus pontos de vista sobre as percepções sociais em relação à VCMM, as medidas necessárias para dar apoio às sobreviventes da violência e os esforços para a prevenção. O questionário on-line estava acessível às participantes por meio de um link que circulou amplamente nas redes sociais e estava aberto a mulheres brasileiras adultas (maiores de 18 anos) que viviam em Londres havia pelo menos seis meses. A versão piloto da pesquisa foi realizada entre outubro e novembro de 2016 e seguida pela versão final, que ficou disponível on-line entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017. A pesquisa produziu uma amostra de 175 questionários completos.

As **entrevistas em profundidade** com mulheres brasileiras que sobreviveram à violência exploraram em mais detalhes os principais tipos de violência que elas sofreram no Brasil e em Londres. Foram identificados fatores associados ao surgimento da violência, seus efeitos, as fontes de ajuda procuradas pelas mulheres e os fatores que inibem a busca por ajuda para lidar com a violência. Também mapearam as trajetórias pessoais envolvidas na mudança do Brasil para Londres com o intuito de verificar a influência da situação de imigração, da capacidade de falar inglês e do conhecimento e do acesso a serviços públicos britânicos em experiências de VCMM. Um total de 20 mulheres foram recrutadas entre clientes de uma organização especializada, as quais procuraram ajuda para lidar com experiências de VCMM. Além disso, cinco mulheres brasileiras foram recrutadas entre aquelas que haviam participado da pesquisa on-line e que não haviam sofrido VCMM, para que pudessem apresentar suas perspectivas sobre a VCMM de forma mais ampla. Todas as participantes eram mulheres brasileiras adultas que moravam em Londres havia pelo menos seis meses no momento da entrevista. As entrevistas foram realizadas entre outubro de 2016 e março de 2017. Foram conduzidas em português, duraram em média uma hora e meia e foram gravadas em áudio, transcritas e traduzidas para o inglês.

Entrevistas em profundidade também foram realizadas com representantes de organizações que oferecem serviços de apoio a mulheres sobreviventes de violência, incluindo uma combinação de organizações genéricas e especializadas. O objetivo era examinar questões relacionadas à violência que afetam mulheres e a sociedade de forma mais ampla e, assim, relacioná-las a experiências de mulheres brasileiras em Londres, bem como verificar a natureza dos serviços oferecidos a quem sofre violência e a percepção dos prestadores de serviços. No total, foram realizadas 12 entrevistas entre julho e fevereiro de 2017. As mesmas foram gravadas em áudio e transcritas diretamente (do inglês) ou traduzidas diretamente da gravação (do português). As principais conclusões a partir dessas entrevistas foram apresentadas em Evans e McIlwaine (2017).

Oficinas com grupos focais (cinco) também foram realizadas com mulheres brasileiras (nove) e homens brasileiros (seis) para discutir suas ideias sobre a VCMM, os fatores que influenciam seu surgimento no Brasil e em Londres, as formas de VCMM e as medidas necessárias para combatê-la. Metodologias de avaliação participativa foram usadas para fomentar discussões sobre esses tópicos. As oficinas foram conduzidas entre abril e junho de 2017 e foram gravadas em áudio e traduzidas para o inglês.

Todas as entrevistas com mulheres vítimas e sobreviventes e todos os grupos focais com mulheres foram realizados na organização para imigrantes com um terapeuta treinado a mão, caso a situação fosse angustiante.